

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

**LILIANE CARNEIRO PAULAIN**

**A LITERATURA INDÍGENA E A PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS-AM.**

**PARINTINS – AM  
2025**

**LILIANE CARNEIRO PAULAIN**

**A LITERATURA INDÍGENA E A PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS-AM.**

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Letras Língua Portuguesa  
para a obtenção do Grau de Licenciada  
em Letras, pela Universidade do Estado  
do Amazonas, no Centro de Estudos  
Superiores de Parintins – CESP/UEA  
**Orientadora:** Me. Dilce Pio Nascimento

**PARINTINS – AM  
2025**

## Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).  
**Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.**

P3241

Paulain, Liliane Carneiro

A literatura indígena e a promoção da diversidade em uma escola pública de parintins-am / Liliane Carneiro Paulain . Manaus : [s.n], 2025.

45 f.: color.; 21,0 cm.

TCC - Graduação em Letras- Licenciatura- Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2025.

Inclui Anexo.

Orientador: Nascimento, Dilce Pio.

1. Diversidade Cultural . 2. Literatura Indígena . 3. Letramento. 4. Makukáwas . 5. Yaguarê Yamã. I. Nascimento, Dilce Pio (Orient.) II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Título

CDU(1997)81

**LILIANE CARNEIRO PAULAIN**

**A LITERATURA INDÍGENA E A PROMOÇÃO DA DIVERSIDADE EM UMA  
ESCOLA PÚBLICA DE PARINTINS-AM.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em  
Letras - Língua Portuguesa- da Universidade do  
Estado do Amazonas, como requisito para obtenção  
do título de Licenciada(o) em Letras.

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profª. Me. Dilce Pio Nascimento (**Presidente** CESP/UEA)  
Orientadora

---

Profª. Me. Maria Celeste de Souza Cardoso  
(**Membro** CESP-UEA)

---

Profº. Tobias Pinheiro de Matos  
(**Membro** – SEDUC-AM)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais, Maria do Livramento Carneiro e Lenivaldo Paulain, fontes de inspiração e amor, que com sacrifício e dedicação moldaram a pessoa que sou hoje. Ao meu querido irmão, Liwendell Carneiro, e aos meus sobrinhos, Ayla Carneiro e Felipe Carneiro, que iluminam minha vida com seu amor e alegria.

Ao Kaleb Dutra, meu refúgio e apoio, cuja presença em minha vida é um bálsamo para a minha alma, seu amor, apoio e força foram essenciais.

Em memória de minhas avós, Valdeonila Bentes e Maria Batista, mulheres de coração generoso, que me ensinaram o valor do amor, da esperança e da resiliência. Que as memórias de vocês sejam sempre meu guia e que eu possa honrar o legado de amor e esperança que vocês me deixaram.

*“Só sente saudade quem  
ama e só deixa saudade  
quem foi amor”*

- Santo Agostinho

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelas bênçãos que iluminam minha vida.

Aos meus familiares, minhas tias, Etelvina e Rosário, que abriram as portas de suas casas quando cheguei; à minha prima Luciany e seu esposo Miguel, que proporcionaram muitos momentos, desde os almoços de domingo até os passeios pela cidade em seu carro, que nomeamos de “coração de mãe”, porque sempre cabia mais um. Esses momentos sempre amenizaram a dor de estar longe de casa; também quero agradecer a Alzerinda e família pelo carinho e acolhimento de sempre. Serei eternamente grata e peço desculpas pela minha ausência nos últimos anos.

Aos meus colegas da turma LET-21, guardarei cada um de vocês em meu coração com muito carinho.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Me. Dilce Pio Nascimento sou grata pela paciência e orientação inestimável, és um exemplo de ser humano e aos demais professores que contribuíram nessa jornada.

A professora Francineide Teixeira, supervisora em minha primeira jornada escolar, meu sincero agradecimento por sua dedicação.

Aos alunos que fazem parte deste trabalho, mesmo que de maneira discreta, minha gratidão por suas contribuições.

À Jennifer Melo, minha amiga-irmã e alma gêmea, que sempre esteve presente para me abraçar, mesmo nas correrias da vida.

Ao Joilson Reis, uma amizade que pretendo levar para o resto da vida.

Por fim, aos meus amigos, a família que a Casa do Estudante presenteou-me, Samely Paiva, Michel Souza e Fagner Figueira.

## RESUMO

Este estudo buscou fomentar o interesse dos estudantes pela literatura indígena por meio da implementação de abordagens didático-pedagógicas a ludicidade, oralidade, recursos visuais e prática teatral. Partindo dessa questão metodológica o objetivo geral desse trabalho é de ressignificar a perspectiva estudantil sobre a literatura indígena no ambiente escolar e os específicos identificar o conhecimento prévio dos alunos do 9º ano sobre a literatura e a cultura indígena, promover a leitura de obras indígenas e avaliar o impacto da leitura na valorização da diversidade cultural. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, foi desenvolvida em uma instituição de ensino pública em Parintins, especificamente com turmas do 9º ano do ensino fundamental II. O conto “As Makukáwas”, autoria do escritor indígena Yaguarê Yamã, constituiu o *corpus* de análise, permitindo a exploração de temáticas como empatia, valorização da diversidade cultural e desconstrução de estereótipos. A fundamentação teórica pautou-se nas contribuições de Yamã (2012), Minayo (1994), Cosson (2018), Darnton (1992), Spolin (2010), Tardif (2014), Graúna (2013), Munduruku (2018) e Potiguara (2018). Os resultados evidenciaram o impacto positivo da abordagem proposta, manifestado pela participação ativa dos alunos em discussões e criações coletivas, e por uma percepção mais aprofundada e crítica dos docentes acerca da relevância da inserção da literatura indígena no currículo escolar. A significância desta pesquisa reside no reconhecimento das vozes indígenas como componentes intrínsecos do patrimônio literário brasileiro e no incentivo ao respeito e à compreensão intercultural, elementos cruciais para a formação cidadã. Dessa forma, o trabalho contribui para a reflexão sobre o papel da escola na promoção da pluralidade e no fortalecimento das identidades, ao propor trajetórias pedagógicas que articulam o conhecimento acadêmico, os saberes tradicionais e as experiências práticas em prol de uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora.

.

**Palavras-chave:** Diversidade Cultural. Literatura Indígena. Letramento. Makukawas. Yaguarê Yamã.

## ABSTRACT

This study sought to foster students' interest in indigenous literature through the implementation of didactic-pedagogical approaches to playfulness, orality, visual resources, and theatrical practice. Based on this methodological issue, the general objective of this work is to reframe the student perspective on indigenous literature in the school environment and the specific objectives are to identify the prior knowledge of 9th grade students about indigenous literature and culture, promote the reading of indigenous works, and evaluate the impact of reading on the appreciation of cultural diversity. The research, of a qualitative and bibliographic nature, was developed in a public educational institution in Parintins, specifically with 9th grade classes of elementary school II. The short story “As Makukáwas”, written by the indigenous writer Yaguare Yamã, constituted the corpus of analysis, allowing the exploration of themes such as empathy, appreciation of cultural diversity, and deconstruction of stereotypes. The theoretical foundation was based on the contributions of Yamã (2012), Minayo (1994), Cosson (2018), Darnton (1992), Spolin (2010), Tardif (2014), Graúna (2013), Munduruku (2018) and Potiguara (2018). The results demonstrated the positive impact of the proposed approach, manifested by the active participation of students in discussions and collective creations, and by a deeper and more critical perception of teachers regarding the relevance of including indigenous literature in the school curriculum. The significance of this research lies in the recognition of indigenous voices as intrinsic components of the Brazilian literary heritage and in the encouragement of respect and intercultural understanding, crucial elements for citizenship formation. In this way, the work contributes to the reflection on the role of the school in promoting plurality and strengthening identities, by proposing pedagogical trajectories that articulate academic knowledge, traditional knowledge and practical experiences in favor of a more inclusive, critical and transformative education.

**Keywords:** Cultural Diversity. Indigenous Literature. Literacy. Makukawas. Yaguare Yamã.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO I: VOZES ANCESTRAIS</b> .....	<b>11</b>
1.1 Aspectos Culturais Indígenas no Brasil .....	11
1.2 O Mito Etiológico na Literatura Indígena .....	13
1.3 Panorama da Literatura Indígena no Amazonas .....	14
1.4 O Ensino da Literatura Indígena Através de Diferentes Metodologias .....	16
<b>CAPÍTULO II: METODOLOGIA</b> .....	<b>20</b>
2.1 Abordagens de Pesquisa .....	20
2.2 Motivação da Pesquisa .....	21
2.3 Campo de Pesquisa .....	22
2.4 Técnicas de Pesquisa .....	23
<b>CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS</b> .....	<b>25</b>
3.1 Uma Breve Análise do Conto “As Makukáwas” .....	25
3.2 O Perfil dos Alunos No Contexto da Pesquisa .....	26
3.3 Aplicações da Oficina: A Literatura Indígena em Sala de Aula.....	27
3.4 Análise e Discussão dos Resultados .....	32
3.4.1 Percepção Inicial Sobre a Literatura Indígena .....	32
3.4.2 Aspectos Marcantes do conto “As Makukáwas” .....	33
3.4.3 Mudança de Percepção Sobre a Literatura Indígena .....	34
3.4.4 Relevância dos temas Abordados Para a Sociedade .....	35
3.4.5 Reflexões Sobre a Implementação da literatura Indígena em Sala de Aula	37
<b>CONSIDERAÇÕES</b> .....	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>44</b>

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda a relevância do ensino da Literatura Indígena como forma de promover a diversidade cultural no ambiente escolar, buscando superar o desinteresse pela leitura e a lacuna no conhecimento sobre as produções literárias dos povos originários. Para tanto, propõe-se abordagens, como leitura, teatro e outras abordagens didáticas, visando estimular o engajamento de estudantes do Ensino Fundamental II. Tais estratégias revelam-se ferramentas valiosas para a valorização e disseminação da literatura indígena, ampliando o acesso e a apreciação de suas narrativas, mitos e tradições.

A leitura, nesse contexto, é reconhecida como um direito fundamental, que capacita indivíduos a buscarem educação e aprendizado contínuo ao longo da vida, se assim desejarem. Adicionalmente, ela assegura a livre circulação do conhecimento, um pilar essencial para a construção de uma cidadania responsável, participativa, reflexiva e autônoma, fortalecendo tanto a identidade individual quanto a nacional.

Historicamente, o contato com a literatura indígena tem sido, para muitos, restrito ao Ensino Superior. Contudo, a luta por maior visibilidade dessas vozes precede a promulgação da Lei nº 11.645/08, que tornou obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas.

O estudo em questão utilizou como *corpus* o conto "As Makukáwas", presente na obra "Contos da Floresta" (2012), de autoria do escritor indígena Yaguarê Yamã. Essa obra reconta mitos e lendas do povo Maraguá, tradicionalmente conhecido na região do Baixo Amazonas como "o povo das histórias de assombração". O conto em análise explora histórias de assombração e seres sobrenaturais. A escolha criteriosa do gênero e da obra teve como objetivo captar a atenção dos estudantes e despertar o interesse pelos estudos culturais indígenas.

Considera-se que essa literatura é de suma importância não apenas para os povos que a produzem, mas para a sociedade em sua totalidade. "As Makukawas" instiga os alunos a refletirem sobre a intrínseca relação entre o ser humano e a natureza, a sabedoria ancestral e os impactos da exploração de recursos naturais. A obra foi apresentada, em sala de aula, de maneira lúdica, inserida em um estudo sobre o gênero conto de terror, com a exploração de elementos visuais que fomentaram a imaginação e a criatividade dos alunos. A riqueza cultural e tradicional do texto também foi amplamente explorada através de produções de desenhos e produções textuais.

Após a aplicação da oficina, um questionário foi aplicado aos alunos a fim de verificar a reflexão crítica deles sobre suas próprias produções a partir da literatura produzida pelo próprio indígena. Nesse sentido, foi possível perceber a relevância do ensino da literatura indígena através de metodologias ativas em sala de aula, visando valorizar e preservar a diversidade cultural, contribuindo para uma educação mais inclusiva em um cenário educacional ainda marcado por lacunas e distorções nas representações das culturas indígenas.

A motivação para esta pesquisa advém da própria experiência da pesquisadora, natural de Barreirinha, uma cidade do Baixo Amazonas onde grande parte da população possui ascendência indígena. Essa vivência pessoal ampliou a sensibilidade para a importância da cultura e literatura dos povos originários. Além disso, a participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) foi de grande importância para o aprimoramento da pesquisadora em relação à valorização da literatura indígena em sala de aula.

## **CAPÍTULO I: VOZES ANCESTRAIS**

A leitura da literatura indígena, em particular, desempenha um papel crucial nesse contexto, pois nos oferece uma janela para mundos e perspectivas muitas vezes negligenciadas e “estas merecem ser inseridas nos estudos promovidos na escola como forma de conhecimento e inclusão do outro” (Thié, 2012, p.12). Dessa forma, ao ter contato com as narrativas indígenas, não apenas ampliamos nosso repertório literário, mas também promovemos um respeito maior pela diversidade cultural e pelas tradições que enriquecem nossa sociedade. Assim, incentivar a leitura dessas obras é, na verdade, abrir portas para a empatia e o entendimento mútuo entre diferentes povos e suas histórias.

### **1.1 ASPECTOS CULTURAIS INDÍGENAS NO BRASIL**

A cultura indígena no Brasil é uma das mais ricas e variadas do mundo. Com mais de 300 etnias reconhecidas, cada uma com suas próprias tradições e modos de vida. Os povos indígenas representam uma parte fundamental da identidade cultural brasileira, “No modo de cultivar, na forma de morar e no jeito de viver é que iremos encontrar os vestígios de uma das matrizes formadoras do Brasil-Nação: a indígena” (Ribeiro, 2000, p.95).

Além dos costumes do dia a dia que foram herdados desses povos, há uma vasta contribuição relacionada às suas lendas e mitos. Os mitos indígenas são fundamentais para compreender as crenças e valores dessas culturas, pois explicam a origem do mundo e dos seres humanos, transmitindo ensinamentos morais importantes para as gerações futuras. Essas narrativas não apenas refletem a sabedoria ancestral, mas também fortalecem a identidade cultural dos povos indígenas, promovendo um senso de pertencimento e continuidade entre as comunidades. Para mais, a rica tradição oral indígena influenciou significativamente a literatura brasileira, inspirando autores com temas, personagens e elementos simbólicos que enriquecem a narrativa literária nacional.

Ler e trabalhar literatura indígena escrita por indígenas na escola é fundamental por diversos motivos. Em primeiro lugar, a literatura indígena oferece uma perspectiva singular e autêntica das culturas, tradições, crenças e cosmovisões dos povos originários, possibilitando uma compreensão e valorização aprofundadas da diversidade cultural presente no Brasil e em outras regiões do mundo. Ao mergulhar nas narrativas indígenas, os leitores têm a oportunidade de desconstruir estereótipos e preconceitos enraizados, ampliando suas referências culturais e promovendo um diálogo intercultural mais respeitoso e inclusivo. A literatura indígena também é uma forma de preservar e divulgar as histórias ancestrais,

conhecimentos tradicionais e as lutas contemporâneas dos povos indígenas, contribuindo para a valorização de suas identidades e para a promoção da diversidade cultural. Graúna (2013, p.55) afirma que:

Visando à construção desse mundo, os textos literários de autoria indígena tratam de uma série de problemas e perspectivas que tocam na questão indenitária e que devem ser esclarecidos e confrontados com os textos não indígenas, pois trata-se de uma questão muito delicada e muito debatida hoje entre os escritores indígenas.

Graúna (2013) destaca a importância da produção literária indígena como um espaço de diálogo e confronto entre as narrativas indígenas e não indígenas. Nesse sentido, a construção desse “mundo” mencionado refere-se à imperiosa necessidade de reconhecer e valorizar as vozes indígenas, frequentemente marginalizadas ou silenciadas no campo literário.

Os problemas e perspectivas que são abordados nos textos literários de autoria indígena englobam questões identitárias como: a luta por reconhecimento, a preservação da cultura, a resistência às opressões históricas e contemporâneas, e a busca por um espaço legítimo na sociedade, são temáticas extremamente relevantes, especialmente em um contexto em que as identidades indígenas estão sendo reafirmadas e reivindicadas, segundo defende Hakiy (2018, p.38):

Esta literatura tem contornos de oralidade, com ritos de grafismos e sons de floresta, que tem em suas entrelinhas um sentido de ancestralidade, e que intencionalmente [...] encontrou nas palavras escritas, transpostas em livros, não só um meio para sua perpetuação, mas também para servir de mecanismo para que os não indígenas conheçam um pouco mais da riqueza cultural dos povos originários.

Hakiy (2018) ressalta a riqueza e a singularidade da literatura indígena, evidenciando como ela carrega os traços da oralidade que são fundamentais para a cultura desses povos. A referência a ‘ritos de grafismo e sons de floresta’ sugere que essa literatura não se restringe a uma forma escrita, mas constitui uma extensão das práticas culturais e espirituais que permeiam a vida indígena. A oralidade é uma característica central nas tradições indígenas, onde as histórias, ensinamentos e saberes são transmitidos de geração para geração também por meio da fala. As narrativas escritas, portanto, não são meros registros, são formas de resistência e reafirmação da identidade cultural. O ato de colocar essas histórias no papel representa um esforço consciente para preservar e perpetuar a cultura indígena em um mundo que muitas vezes tentam apagá-la.

Essa dinâmica possibilita uma maior conscientização sobre as questões sociais, políticas e culturais enfrentadas pelos povos indígenas atualmente, considerando que a

literatura indígena não apenas enriquece o panorama literário nacional, mas serve como uma ferramenta eficaz de resistência e afirmação identitária.

## 1.2 O MITO ETIOLÓGICO NA LITERATURA INDÍGENA

A compreensão dos mitos transcende a mera apreciação estética, pois eles desempenham um papel crucial na formação de narrativas que refletem as crenças e valores de uma cultura. Como argumenta Mussa (2009, p. 71)

Um mito é necessariamente uma peça estética, cheia de metáforas e de processos narrativos que visam entreter e provocar emoções. Ao mesmo tempo – e também necessariamente – é um discurso teórico, que explica e defende uma certa tese sobre o homem ou a natureza.

Mussa (2009) enfatiza que a ideia que o mito também serve como discurso teórico revela sua função crítica na sociedade. Os mitos não são apenas histórias, eles carregam significados profundos e oferecem reflexões sobre a condição humana e as relações com a natureza. Essa dupla função é especialmente relevante na literatura indígena, onde os mitos frequentemente explicam a origem do mundo, as interações entre os seres humanos e os elementos naturais, além de transmitir valores culturais e ensinamentos morais.

Os mitos etiológicos na literatura indígena são histórias que explicam como tudo começou, esses mitos falam sobre origem dos animais, das plantas e até dos costumes que as comunidades seguem. Para Eliade (1972, p. 9):

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição.

Eliade (1972) destaca a essência dos mitos etiológicos, ou seja, mito de origem, que são fundamentais para a compreensão da visão de mundo das comunidades indígenas, ao afirmar que o mito narra um acontecimento no “tempo primordial”. Eliade (1972) salienta a importância do passado mítico na formação da identidade cultural, pois essas histórias não apenas explicam a origem de elementos do mundo, como também fundamentam os valores e práticas das sociedades.

O conhecimento indígena parte do mito, assim como o conhecimento natural parte do conhecimento empírico do mundo, tudo tem a sua finalidade relacionado com a natureza, e com o empírico. A transmissão desses mitos destacam-se principalmente por meio da oralidade para os povos indígenas, que durante muito tempo foi sua principal fonte de transmissão de costumes e saberes. Zumthor (2010, p. 12-13) afirma que:

A voz jaz no silêncio do corpo como o corpo sem sua matriz. Mas, ao contrário do corpo, ela retorna a cada instante, abolindo-se como palavra e como som. Ao falar, ressoa em sua concha o eco deste deserto antes da ruptura, onde em surdina, estão a vida e a paz, a morte e a loucura. O sopro da voz do criador [...] distingue a voz do olhar, outra emanção corporal à qual se associam; não menos que à estrutura da performance, muitos mitos. Qualquer que seja o poder expressivo e simbólico do olhar, o registro do visível é desprovido desta espessura concreta da voz, taticidade do sopro, da urgência no respiro [...].

O excerto de Zumthor (2010) descreve a voz como uma entidade que congrega a essência do corpo e da alma. Quando falamos, a voz ressoa em nossa concha, ecoando o silêncio que precede a palavra, onde a vida e a morte, a paz e a loucura coexistem em surdina. Configura-se, assim, a voz como um sopro divino, capaz de distinguir a palavra do olhar, outra emanção corporal associada à estrutura da performance e à transmissão de mitos. A voz tem uma espessura concreta, uma capacidade de sentir o que o olhar não pode alcançar, e é justamente essa qualidade que a torna tão significativa na transmissão de histórias e mitos. Quando ouvimos uma história contada oralmente, a voz do contador nos transporta para um mundo de significados e símbolos, onde a emoção e o sentimento se misturam com a palavra. É como se a voz fosse um veículo para a alma, que nos permite acessar dimensões mais profundas da experiência humana.

### 1.3 PANORAMA DA LITERATURA INDÍGENA NO AMAZONAS

Historicamente, a literatura indígena no Brasil, especialmente na Amazônia, é predominantemente oral. As narrativas, mitos, lendas e canções foram transmitidas de geração em geração através da oralidade, preservando assim a sabedoria ancestral e as cosmovisões indígenas. Essa tradição oral é fundamental para entender as relações entre as comunidades indígenas e seu ambiente, além de abordar temas como a criação do mundo, a natureza, os espíritos e os ensinamentos morais.

Com o advento da escrita e a crescente valorização das vozes indígenas na literatura contemporânea, muitos autores têm se destacado ao trazer suas experiências e perspectivas para o formato literário. Escritores como Daniel Munduruku, Eliane Potiguara e Graça Graúna têm contribuído significativamente para a literatura indígena brasileira, abordando questões de identidade, resistência cultural e os desafios enfrentados por seus povos. Esses autores utilizam a escrita não apenas como meio de perpetuação de suas culturas, mas como uma forma de diálogo com o mundo não indígena. Munduruku (2018, [s.p]) destaca que:

É aqui que se inscreve a literatura indígena. Longe de estar ocupando um espaço largo na memória nacional, ainda tateia procurando seu lugar de pertencimento no

cenário literário brasileiro. Isso acontece especialmente porque o lugar da escrita não costuma permitir que aventureiros ali se instalem, diferentemente de outras artes. Não, não quero depreciar o que cada arte produz, mas dizer que a literatura, para ser reconhecida como tal, passa por um crivo crítico que vai além do gosto popular. Até muito pouco tempo atrás era comum pessoas dizerem que não existia literatura indígena porque os nativos não dominavam a escrita e seu instrumento preferencial era a oralidade.

O tema é crucial para a compreensão da literatura indígena no Brasil: o reconhecimento e a valorização dessa produção literária no contexto mais amplo da literatura nacional. Munduruku destaca que, apesar de sua riqueza e profundidade, a literatura indígena ainda busca um espaço de pertencimento no cenário literário brasileiro, o que reflete desafios históricos e culturais significativos.

Ao afirmar que "o lugar da escrita não costuma permitir que aventureiros ali se instalassem", o autor sugere que a literatura é regida por normas e critérios que muitas vezes excluem vozes não convencionais, isso implica que a literatura indígena, mesmo quando escrita, enfrenta barreiras para ser aceita e reconhecida dentro das tradições literárias estabelecidas, essa afirmação é um convite à reflexão sobre como o cânone literário é construído e quais vozes são legitimadas ou silenciadas nesse processo.

Munduruku (2018) também menciona um equívoco comum: a ideia de que a literatura indígena não existe porque os povos nativos historicamente privilegiam a oralidade. Essa percepção ignora a complexidade e a riqueza das expressões culturais indígenas, que vão muito além da mera forma escrita, a oralidade não é inferior à escrita, pelo contrário, ela carrega uma profundidade de significados, tradições e saberes que são essenciais para a identidade dos povos indígenas.

Além dos livros publicados, iniciativas independentes têm surgido para promover a literatura indígena na região amazônica. Coletâneas de contos, poesias e ensaios escritos por autores indígenas estão ganhando espaço em editoras alternativas e projetos comunitários. Essas publicações não apenas servem para documentar as vozes indígenas, mas como ferramentas de educação e conscientização sobre as realidades enfrentadas por essas comunidades, Potiguara (2018, [s.p]) diz que:

O termo literatura indígena foi criado estrategicamente como uma forma de valorizar a cultura indígena, as histórias, as lendas, a ancestralidade. Foi uma forma que nós encontramos de luta e de resistência, para tirar da invisibilidade não apenas os povos indígenas, mas toda a sua produção cultural.

Destaca-se, portanto, a importância do termo "literatura indígena" como uma estratégia consciente para valorizar e dar visibilidade a rica cultura dos povos indígenas. Ao afirmar que essa nomenclatura é uma forma de luta e resistência, Potiguara enfatiza que a

literatura não é apenas um meio de expressão artística, mas uma ferramenta eficiente para afirmar a identidade e a ancestralidade indígena. Essa busca por reconhecimento visa combater a invisibilidade que frequentemente incide sobre essas culturas, realçando a relevância de suas histórias e tradições na construção da identidade nacional. Assim, a literatura indígena se torna um espaço vital para o fortalecimento da memória coletiva e da diversidade cultural no Brasil.

A literatura indígena no Amazonas também está intrinsecamente ligada ao ativismo social. Muitos escritores utilizam suas plataformas para abordar questões políticas urgentes como o desmatamento, as violações dos direitos humanos e a luta pela demarcação de terras. Essa intersecção entre arte e ativismo amplifica suas vozes em um cenário nacional muitas vezes hostil à cultura indígena.

#### **1.4 O ENSINO DA LITERATURA ÍNDIGENA ATRAVÉS DE DIFERENTES METODOLOGIAS**

No contexto do ensino da literatura indígena, a aplicação de diferentes metodologias é fundamental para promover uma compreensão abrangente e respeitosa das narrativas e culturas indígenas. Abordagens que incorporam práticas interativas, como contação de histórias e oficinas de criação literária, pode permitir que os alunos se conectassem de forma mais profunda com o conteúdo. Além disso, a utilização de recursos audiovisuais e a integração de tecnologias digitais podem enriquecer a experiência de aprendizagem, facilitando o acesso a obras e autores indígenas. A valorização do saber ancestral, aliada a um ensino crítico que estimule a reflexão sobre as relações sociais e culturais presentes nas literaturas indígenas, contribui para a formação de leitores mais conscientes e engajados. Nesse sentido, é essencial que o professor atue como mediador, criando um ambiente propício ao diálogo e à troca de experiências entre as diferentes culturas. Dionísio (2005, p. 76) enfatiza:

Para se ser, então, leitor, o individuo necessita [...] um repertorio vasto e flexível de práticas, desempenhar papéis e activar recursos que dêem expressão às dimensões operativas, culturais e críticas, actuando tanto: como “decodificador”, pela mobilização dos recursos necessários para “abrir” o código dos textos escritos, reconhecendo e usando traços e estruturas convencionais da organização do texto; como “participante textual”, participando na construção de sentidos, tendo em consideração por relação com as suas experiências e conhecimentos sobre outros discursos, textos e sistemas de significação, os sistemas de sentido específicos de cada texto; como ‘utende de textos”, [...] negociando as relações sociais à volta dos textos, sabendo sobre eles e agindo nas diferentes funções sociais e culturais que eles desempenham na sociedade (por exemplo, na escola)[...]

Através da leitura de obras que retratam diferentes culturas, tradições e realidades, as pessoas são incentivadas a colocar-se no lugar do outro, desenvolvendo empatia e compreensão em relação às perspectivas e vivências distintas das suas. De acordo com Cosson (2018, p. 29),

O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras. O conhecimento de como esse mundo é articulado, como ele age sobre nós, não eliminará seu poder, antes o fortalecerá porque estará apoiado no conhecimento que ilumina e não na escuridão da ignorância.

A essência do poder da literatura em nos transportar para universos criados a partir das palavras, destaca a capacidade única que a leitura tem de nos envolver e nos conectar com narrativas, personagens e cenários que, embora sejam frutos da imaginação, exerce uma influência significativa sobre nossas emoções, pensamentos e percepções. A compreensão do funcionamento desse universo literário não diminui seu impacto; ao contrário, fortalece, visto que a apreensão da estrutura narrativa, dos elementos simbólicos e das mensagens subjacentes presentes nas obras literárias pode enriquecer substancialmente a experiência de leitura. Esse conhecimento nos permite mergulhar de maneira mais consciente e crítica nas histórias, ampliando nossa capacidade de apreciar a complexidade e a profundidade da arte literária. Darnton (1992, p.212) ressalta:

A leitura não se desenvolveu em uma só direção. Assumiu muitas formas diferentes entre diferentes grupos sociais em diferentes épocas. Homens e mulheres leram para salvar suas almas, para melhorar seu comportamento, para consertar suas máquinas, para seduzir seus enamorados, para tomar conhecimento dos acontecimentos do seu tempo, e ainda simplesmente para se divertir.

É fundamental explorar metodologias diversas para incentivar a leitura, pois cada indivíduo possui preferências, interesses e estilos de aprendizagem únicos. Ao adotar as práticas teatrais, é possível tornar o processo de leitura mais atrativo, dinâmico e inclusivo. Essa metodologia não apenas estimula a participação ativa dos leitores, mas amplia as possibilidades de engajamento com diferentes gêneros literários, promovendo a descoberta de novos horizontes culturais e intelectuais. Ao adaptar as estratégias de incentivo a leitura às necessidades e preferências do público-alvo, é possível criar experiências significativas que contribuem para o desenvolvimento do hábito da leitura, Spolin (2010, p.29) afirma que:

As oficinas de jogos teatrais são úteis ao desenvolver a habilidade dos alunos em comunicar-se por meio do discurso e da escrita, e de formas não verbais. São fontes de energia que ajudam os alunos a aprimorar habilidades de concentração, resolução de problemas e interação em grupo.

O valor das oficinas de jogos teatrais como ferramentas pedagógicas, vão além do simples aprendizado de técnicas dramáticas. Ao desenvolver a comunicação verbal e não verbal essas oficinas permitem que os alunos explorem diferentes formas de expressão, aumentando sua confiança e criatividade. Além disso, ao enfatizar habilidades como concentração, resolução de problemas e interação em grupo, Spolin (2010) aponta para o potencial transformador dessas atividades no ambiente escolar, que além de incentivarem a auto expressão, promovem um senso de comunidade e colaboração entre os alunos, preparando-os para interações sociais mais ricas e significativas.

Considera-se a importância da prática como um processo contínuo de aprendizagem e desenvolvimento profissional para os professores. Ao vivenciarem a prática docente, os educadores têm a oportunidade de reavaliar e recontextualizar seus conhecimentos teóricos, adaptando-os à realidade do ambiente escolar e as necessidades dos alunos. Nesse sentido, a experiência na sala de aula atua como um filtro crítico, permitindo aos professores identificar o que é relevante, aplicável e eficaz em sua prática pedagógica, ao mesmo tempo em que descartam o que parece distante da realidade vivida. Segundo, Almeida (2006, p.148):

Passado o momento da descoberta, passado o momento da informação, passado o momento de leitura e de apreciação, é chegada a hora de levar o aluno à criação. Como estamos falando de escola, de sala de aula, esta citação poderá ter sempre o caráter da coletividade e ludicidade. Neste momento de criação coletiva o diálogo, as trocas e as demais tentativas serão sempre somadas àquelas outras coisas que chamamos de currículo de formação e objetivos da escola.

A importância de levar os alunos além da simples leitura e apreciação de textos, incentivando-os à criação, ao enfatizar o caráter coletivo e lúdico desse processo, Almeida (2006) sugere que a sala de aula deve ser um espaço de diálogo e troca, onde a criatividade é estimulada em conjunto. Essa abordagem enriquece o aprendizado e integra a formação curricular com experiências significativas.

A reflexão constante sobre a própria prática e a retroalimentação dos saberes adquiridos tanto na formação inicial quanto ao longo da carreira, contribuem também para um aprimoramento contínuo, possibilitando aos educadores se tornarem mais eficazes e comprometidos com o processo de ensino-aprendizagem. Diante disto, Tardif (2014, p. 53) afirma que:

A prática pode ser vista como um processo de aprendizagem através do qual os professores retraduzem sua formação e a adaptam à profissão, eliminando o que lhes parece inutilmente abstrato ou sem relação com a realidade vivida e conservando o que pode servir-lhes de uma maneira ou de outra. A experiência provoca, assim, um efeito de retomada crítica (retroalimentação) dos saberes adquirido antes ou fora da prática profissional.

Enfatiza-se a prática docente como um processo ativo de aprendizagem, onde os professores não apenas aplicam conhecimentos adquiridos em sua formação, como também os reinterpretem a luz das experiências vividas em sala de aula. Esse "efeito de retomada crítica" destaca a importância da reflexão na prática pedagógica, permitindo que os educadores filtrem e adaptem suas habilidades e saberes de acordo com as demandas reais do ambiente escolar. Portanto, a prática se torna um espaço de contínua evolução profissional, onde o que é considerado abstrato pode ser questionado e transformado em ferramentas úteis para a formação dos alunos. Essa visão valoriza a experiência do professor como fundamental para o desenvolvimento de uma educação mais contextualizada e significativa.

## CAPÍTULO II: METODOLOGIA

Este capítulo detalha o percurso metodológico da pesquisa “A Literatura Indígena e Promoção da Diversidade Cultural em uma escola pública de Parintins-AM”. O objetivo geral do estudo foi ressignificar a perspectiva dos estudantes sobre a literatura indígena no ambiente escolar, e a metodologia empregada buscou compreender como essa ressignificação foi percebida pelos alunos.

De acordo com Severino (2013), “a ciência se constitui aplicando técnicas, seguindo um método e apoiando-se em fundamentos epistemológicos”. Dada a importância de o trabalho acadêmico possuir um sistema integrado com meios e técnicas que possibilitem ao pesquisador chegar numa resolução a problemática levantada na pesquisa, entende-se que a aplicabilidade de métodos neste trabalho foi fundamental para compreender a literatura indígena e sua aplicação no ambiente escolar, além de ser uma ferramenta na qual houve a sustentação da possível finalidade deste trabalho.

### 2.1 ABORDAGENS DE PESQUISA

Neste trabalho, foi utilizada a abordagem qualitativa, pois visou compreender por meio da percepção leitora dos alunos e da interação entre as metodologias de aprendizagem com o ensino da literatura indígena na sala de aula, como acontece a recepção das questões culturais e identitárias presentes no conto indígena utilizados nas atividades para os estudantes do Ensino Fundamental II.

A escolha da abordagem qualitativa justifica-se pela oportunidade de proporcionar à pesquisadora um contato direto com a realidade (in loco), permitindo vivências singulares e o acesso a opiniões divergentes entre os estudantes e a própria pesquisadora. Conforme Minayo (1994, p. 21-22) :

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

De acordo com a autora, a pesquisa qualitativa distingue-se da quantitativa por visar um aprofundamento em temas que envolvem subjetividades, significados e sentidos. Desse modo, todas as relações inerentes ao processo de pesquisa são consideradas não apenas para quantificação, mas, sobretudo, para serem compreendidas em suas especificidades e singularidades.

Adicionalmente, este trabalho fez uso da pesquisa bibliográfica, dada a necessidade de consultar obras literárias de autoria indígena, artigos científicos, entre outros. O levantamento bibliográfico foi crucial para a seleção do conto abordado na oficina e para o embasamento das etapas da pesquisa. Segundo Severino (2007, p. 122):

Utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registrados. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Severino (2007) ressalta que o uso de referenciais bibliográficos orienta o pesquisador na condução da investigação e no estabelecimento de uma base teórica sólida, construída a partir de informações e ideias já publicadas. O pesquisador, portanto, não parte do zero, mas aprofunda o conhecimento existente por meio de interpretações e comparações que contribuem para o desenvolvimento central de seu trabalho.

Nesta pesquisa, foi adotada também a pesquisa de campo. Para tanto, implementou-se uma oficina literária utilizando o conto "As Makukáwas", do autor indígena Yaguarê Yamã, integrante da obra "Contos da Floresta". A oficina foi dividida em etapas que incluíram leitura visual, compreensão e produção de textos, complementadas por questionários aplicados aos estudantes. Este tipo de pesquisa permitiu o contato direto da pesquisadora com o ambiente onde o trabalho foi realizado. Conforme Gil (2008, p. 55):

As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise qualitativa. Obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.

As pesquisas deste tipo se caracterizam pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para em seguida, mediante análise qualitativa, obter as conclusões correspondentes dos dados coletados.

Infere-se, portanto, que o pesquisador assume uma presença mais ativa e um contato mais estreito com seu objeto de estudo, que, neste caso, são os alunos de uma instituição de ensino e as percepções observadas pela pesquisadora. Este tipo de pesquisa permite a coleta direta de informações no campo, possibilitando uma análise mais aprofundada do fenômeno investigado.

## **2.2 MOTIVAÇÕES DA PESQUISA**

Este trabalho originou-se de uma experiência em sala de aula proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que permitiu explorar a literatura indígena em um contexto pedagógico. O foco foi dado a turmas de 9º ano do Ensino Fundamental II durante o ano de 2023. É fundamental pontuar que, nesse segmento, a literatura não se configura como uma disciplina de aprofundamento, sendo apenas introduzida. A obra literária foi, portanto, apresentada por meio de uma oficina de contos, com o propósito de abordar suas características estruturais.

A relevância desse contato com a literatura indígena de autoria própria reside na possibilidade de reconfigurar o cenário educacional e de estimular o interesse pela história dos povos originários. Isso visa mitigar o discurso colonial que, por anos, estereotipou e silenciou esses grupos. Adicionalmente, a iniciativa buscou incentivar a leitura através de métodos didáticos inovadores, distanciando-se das abordagens tradicionais, para que o ato de ler se tornasse prazeroso e com finalidades que transcendem a mera execução de tarefas.

A instituição de ensino onde o projeto foi implementado está situada na área central da cidade de Parintins. Trata-se de uma escola tradicional, frequentemente percebida como elitizada e isenta de problemas. No entanto, durante o período de observação e convivência naquele ambiente, percebeu que a escola enfrenta desafios significativos, como o desinteresse dos alunos pela leitura e, mais especificamente, a ausência de contato com a literatura indígena, cuja existência era desconhecida por muitos estudantes. Observou-se que o material didático adotado pela instituição não contemplava essa temática, e o acervo da biblioteca carecia de exemplares de literatura indígena.

Salienta-se a relevância desse contato com a literatura de autoria indígena para reconfigurar o cenário educacional e estimular o interesse pelo conhecimento da história dos povos originários, visando mitigar o discurso colonial que, por anos, estereotipou e silenciou esses grupos. Além disso, o trabalho incentivava a leitura através de métodos diferentes dos tradicionais, com o objetivo de transformar a leitura em algo prazeroso e com finalidades além da simples realização de trabalhos.

## **2.3 CAMPO DE PESQUISA**

O campo de pesquisa deste trabalho foi um ambiente escolar, reconhecido pelo Decreto nº 488, do Conselho Estadual de Educação do Amazonas, publicado no Diário

Oficial de 08 de março de 1966. A instituição está localizada no centro do município de Parintins-AM.

A história da escola confunde-se com a história da cidade, tendo sua construção iniciada em 1946 e concluída em 1956, ano em que recebeu seu primeiro grupo de alunos. Conhecida por seus costumes, trata-se de uma escola de educação vicentina católica, que, entretanto, acolhe alunos de outras religiões e diferentes bairros da cidade. A rotina escolar inclui orações e reflexões diárias antes do início das atividades. O bom comportamento dos alunos no ambiente escolar é uma das exigências.

Quanto à estrutura física do prédio, trata-se de uma edificação de dois pavimentos com arquitetura histórica. No primeiro andar, encontram-se a sala dos professores, biblioteca, sala da gestão, salas de aula, laboratório de informática, sala de matemática, sala CRP, uma sala de ciências, refeitório e a quadra. No andar superior, localizam-se mais salas de aula, incluindo as das turmas acompanhadas no estudo. As salas são amplas, comportando de 25 a 39 alunos, com exceção de três salas de menor dimensão.

A escola apresenta uma organização de ensino de caráter administrativo e pedagógico. A gestão administrativa é responsável pelos recursos financeiros, humanos e pela infraestrutura básica, com uma gestora que atua para garantir o bom funcionamento da instituição. A direção é composta pela gestora, secretária, pedagogas, congregação de professores e pelo conselho escolar. A secretaria, com serviço de escrituração e arquivo dos registros escolares, é conduzida por funcionários responsáveis pelo planejamento, coordenação e verificação dos serviços. A escola desenvolve suas atividades em três turnos: matutino, com turmas do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II (das 07h00min às 11h15min); vespertino, com turmas do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I (das 13h00min às 17h00min); e noturno, com o Ensino Médio (das 19h00min às 22h30min).

Apesar de sua estrutura e organização, esta escola enfrenta desafios comuns a muitas instituições de ensino. As observações realizadas nesse ambiente, tanto por meio do Programa Institucional de bolsas de Iniciação a Docência quanto durante o estágio supervisionado II, possibilitaram um contato direto com as realidades da escola. Constatou-se que muitos alunos não possuem familiaridade com a literatura indígena, o que tornou o ambiente propício para a realização da pesquisa, uma vez que se apresentou uma oportunidade significativa para explorar essa temática no contexto escolar. A escolha dessa escola se deu justamente pela identificação desse desafio, o qual representa uma lacuna importante na formação cultural dos estudantes e na promoção da diversidade literária.

## 2.4 TÉCNICAS DE PESQUISA

Nesta seção, será elencada as técnicas de pesquisa utilizadas para a coleta de dados desta pesquisa. As técnicas são os procedimentos cruciais para a obtenção dos dados que irão compor a pesquisa. De acordo, com Severino (2013, p. 107-108):

As técnicas são os procedimentos operacionais que servem de mediação prática para a realização das pesquisas. Como tais, podem ser utilizadas em pesquisas conduzidas mediante diferentes metodologias e fundadas em diferentes epistemologias. Mas, obviamente, precisam ser compatíveis com os métodos adotados e com os paradigmas epistemológicos adotados.

Assim, as técnicas são as ferramentas utilizadas para o passo a passo da pesquisa. Elas podem e são usadas nas mais diferentes áreas de conhecimento, e nesta pesquisa as técnicas utilizadas corroboraram para que o trabalho seguisse um caminho adequado para a compreensão da recepção leitora dos estudantes/participantes da pesquisa, onde as técnicas utilizadas são as seguintes: questionários para fazer uma apreensão mais profunda da recepção dos contos indígenas pelos estudantes a partir das oficinas realizadas em sala de aula.

Neste trabalho o questionário foi uma importante técnica para corroborar na captação dos dados desta pesquisa. Gil (2008, p.121) conceitua:

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc.

Para Gil (2008), os questionários contribuíram na investigação das diferentes questões que surgiram a partir da problemática de um trabalho com o principal propósito de obter os dados que conferem ao pesquisador as informações necessárias para a análise de dados.

Assim, procurou-se elaborar um questionário com finalidade de fornecer dados sobre as experiências e percepções dos alunos relacionadas às atividades desenvolvidas em sala de aula, o questionário apresentava dez perguntas abertas, propostos de forma escrita para os participantes, cujo modelo integral encontra-se nos anexos deste trabalho.

As oficinas se revelaram um formato de aplicação essencial e altamente produtivo, estruturadas de forma a maximizar o engajamento e a compreensão dos alunos. Organizadas em duas aulas, as atividades foram cuidadosamente divididas em quatro momentos distintos, projetados para criar um fluxo pedagógico contínuo e progressivo, a apresentação de ilustrações, um recurso visual poderoso para despertar o interesse e introduzir o tema de forma acessível.

## CAPÍTULO III: ANÁLISE DE DADOS

### 3.1 UMA BREVE ANÁLISE DO CONTO “AS MAKUKÁWAS”

A seleção de “As Makukáwas” para esta pesquisa não foram aleatórias; ela se justifica plenamente por sua inserção no gênero conto de terror, uma vertente explorada com maestria por um autor indígena, o qual por meio de suas vivências e do profundo conhecimento das histórias orais de seu povo, confere autenticidade à narrativa. O conto desenrola-se em um cenário marcadamente regional, imerso na floresta amazônica, e apresenta como personagens um casal ribeirinho e uma enigmática criatura sobrenatural.

A linguagem empregada é notavelmente clara e direta, facilitando a compreensão dos eventos narrados, enquanto a sequência cronológica dos fatos se desenvolve de forma coesa. A história inicia-se com a descrição do homem em uma caçada de pássaros makukáwas, aves que dão nome ao conto, conforme se observa no trecho inaugural, Yamã (2012, p.17):

Era uma vez um homem que gostava de caçar makukáwas. Certo dia, ele saiu de casa e, no centro da mata, abateu várias delas. Contou seis pássaros e, no final do dia, muito satisfeito com a caçada, fez um cesto de palha para guardá-los. Em seguida, com o yamaxy na cabeça voltou para casa.

Narrado em terceira pessoa, o conto parte de uma descrição aparentemente trivial para desencadear a problemática central. O que inicialmente se afigurava como uma caçada rotineira rapidamente se converte em uma transgressão, à medida que o homem cede ao excesso ao abater mais de uma ave. Ao longo da narrativa, essa questão ganha contornos mais nítidos, e a habilidade do autor em tecer elementos de mistério, sobrenatural e a transmutação de animais em seres humanos confere uma dimensão fascinante à obra. A seguir, um trecho ilustrativo dessa metamorfose, Yamã (2012, p. 18):

No jirau, ela começou a depenar os pássaros. Mas era muito difícil arrancar penas deles. E, como se não bastasse, quanto mais ela os depenava, mais aparecia makukáwas para depenar. Pensou: “Quem me dera haver alguém para me ajudar. Adiantaria horas no meu trabalho”. Nesse momento, um pássaro tipuã começa a cantar bem longe na floresta: tipuã, tipuã...a mulher incomodada com o canto do pássaro, disse: -ah, tipuã, se você fosse um homem, na certa, não ficava aí cantando; viria me ajudar a fazer essa janta. E continuou a depenar as aves. Passados alguns minutos, em frente à porta da casa apareceu um homem alto, forte, mas com pés de pássaro, iguais aos do tipuã. Ele foi para cozinha, pegou as makukáwas do jirau com brutalidade e começou a depená-las com avidez. Assustada com o estranho, a mulher olhou para os pés dele. Teve mais medo ainda. [...].

A introdução do pássaro tipuã marca um ponto de virada crucial na narrativa. Seu canto distante não apenas evoca a onipresença da natureza, mas também se torna o catalisador

para o desejo de auxílio da mulher, cuja fala, permeada por frustração e desdém, expressa o anseio por uma intervenção. Quando o homem, dotado de pés de pássaro, emerge, a transmutação ascende a um elemento central, revelando a imprevisibilidade com que o sobrenatural pode se manifestar. Essa figura híbrida, patê homem, parte ave, pode ser interpretada simultaneamente como uma solução para o dilema da mulher e uma fonte de profundo temor. Embora ela almeje ajuda, a presença do homem carrega uma inegável carga de brutalidade e estranheza, acentuada pelo medo que ela sente ao observar seus pés. O que sugere que o auxílio pode vir acompanhado de consequências indesejadas ou perigosas.

Nesse contexto, a transmutação não se restringe apenas ao plano físico; ela pode simbolizar as profundas transformações emocionais e sociais que ocorrem quando os limites entre o humano e o mítico são desafiados. Assim, a narrativa de “As Makukáwas” transcende a mera história de terror, configurando-se como um convite à reflexão sobre a complexidade de nossas interações com as forças naturais e sobrenaturais que cercam, bem como sobre os mitos que moldam nossa compreensão do mundo e da própria identidade. A obra de Yamã (2012), portanto, não só entretém, mas também educa, ao apresentar uma perspectiva indígena que desafia e amplia as concepções tradicionais de realidade e fantasia.

### **3.2 O PERFIL DOS ALUNOS NO CONTEXTO DA PESQUISA**

Durante o período de atuação no PIBID, foi possível observar de perto as características das turmas envolvidas na pesquisa. A escola em questão é reconhecida pela qualidade de seu ensino, tanto em termos de infraestrutura física quanto pela competência de seu corpo docente e equipe pedagógica, enfrenta desafios semelhantes aos encontrados em outras instituições. As turmas de 9º ano, compostas por alunos com idades entre 13 e 14 anos, geralmente apresentam uma condição socioeconômica favorável e contam com um acompanhamento familiar estável. No entanto, é crucial reconhecer que, apesar dessas vantagens, os alunos são indivíduos com suas próprias dificuldades e que estão dispostos a aprender. Avaliar os estudantes como seres humanos em processo de desenvolvimento é fundamental, pois isso permite descartar a ideia de um ambiente de ensino perfeito e compreender a necessidade de suporte adequado para superar os desafios que enfrentam.

Observou-se que os alunos manifestaram um grande interesse pelas atividades propostas, especialmente quando se tratava de abordagens lúdicas que envolviam métodos de participação que transcendiam o formato tradicional. Anteriormente, com metodologias convencionais, a participação era limitada, predominantemente devido ao desinteresse pela

leitura. Um ponto de destaque foi o desconhecimento generalizado em relação à literatura amazonense e aos escritores da cidade de Parintins, que se tornou evidente durante as oficinas. Apenas dois ou três alunos demonstraram alguma familiaridade com esses temas.

Dessa forma, ao planejar e desenvolver a oficina sobre literatura indígena, a estratégia central foi justamente a criação de atividades lúdicas. O objetivo primordial era despertar o interesse e a atenção dos alunos, além de aprimorar significativamente a compreensão do conteúdo apresentado.

### **3.3 APLICAÇÃO DA OFICINA: A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA.**

A oficina sobre a literatura indígena foi aplicada em 2023, durante o período do PIBID. Inicialmente, tratou-se sobre os contos e suas principais características. A referida oficina foi realizada em quatro turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II, no turno matutino, em uma escola pública de Parintins-AM.

As oficinas foram aplicadas nas turmas com duração de duas horas/aula em cada sala, divididas em quatro momentos em sala: o momento introdutório, voltado para a leitura de duas imagens, a primeira, sendo uma cabana bem misteriosa e ao lado uma ilustração presente no conto a ser estudado. A ilustração apresentava a figura de um homem com pés de pássaro, a partir disso, perguntas foram feitas, como “O que vocês estão vendo?”, “Qual é a sensação que vocês sentem ao olhar para as imagens?” os alunos começaram a descrever o que viam e as respostas sobre as imagens transmitiram “medo” e “mistério”. Assim apresentado na figura 01

Figura 01- Apresentação da ilustração para os alunos



Em seguida, fez-se a apresentação do conto “As Makukawás”, presente na obra “Contos da Floresta” (2012), cujo autor Yaguarê Yamã reúne diversos contos indígenas do seu povo Maraguá com mitos e lendas. A importância das palavras de Yamã é transmitir aos leitores as histórias que foram passadas de geração em geração.

Para melhor compreensão e interação, foram distribuídas cópias impressas para todos os alunos, garantindo a participação ativa durante a atividade. A leitura coletiva, a atenção nos personagens, a ambientação em que a história se passa e a linguagem usada foram elementos ressaltados pelos alunos e discutidas em sala.

No final da leitura, os alunos comentaram sobre o que haviam entendido, alguns compartilharam conosco já ter ouvido histórias parecidas. Isso pode ser comum na região amazônica, principalmente nas áreas do interior do Baixo Amazonas, onde essas narrativas orais sobre transformações de pessoas em animais com intenção de proteger a floresta são comuns.

No terceiro momento, foi realizado o Quiz com 16 (dezesesseis) perguntas sobre informações do conto, dado essa atividade lúdica como forma importante para avaliar a atenção dos alunos com a leitura, além de aprimorarem seus conhecimentos e maneiras de se divertir. Dividimos a sala em dois grupos, as perguntas foram suficientes para que todos os alunos participassem. No centro da sala, foi colocada uma mesa que continha, em sua posição central, a oferta de um chocolate e as perguntas eram projetadas na televisão da sala (figura 03). A regra da dinâmica era: o aluno que conseguisse pegar o chocolate primeiro, respondia, e se respondesse corretamente, ganhava o chocolate e garantia o ponto para o seu grupo. Dessa forma, ocorreu a atividade até que todos os alunos participassem.

Figura 03 – Quiz de perguntas e respostas



Fonte: acervo pessoal.

No quarto momento, foi realizada a produção textual dos alunos. Essa última produção foi direcionada para colocar em prática o que foi exposto durante a oficina e para observar se a intervenção havia alcançado um dos objetivos: a compreensão da estrutura dos contos. Os textos do início, agora seguindo a norma correta, atendendo a todas as características que pertencem ao gênero conto. Na figura 04, a produção textual de um dos alunos.

Figura 04

Pernas Finas e a "Selicidade Eterna"

Numa floresta abandonada havia uma casa de palha e madeira, onde vivia um homem apelidado de "Pernas Finas", por conta de sua aparência peculiar e de ter as pernas finas e tortas. Passava seus dias pescando, tomando banho no rio e apanhando frutos no parquado.

Um dia, quando foi pescar, Pernas Finas se deparou com uma moça que lhe ofereceu uma garrafa que apresentava um líquido azul e muito aromático. Curioso, pegou a garrafa e, antes mesmo que pudesse perguntar o que era, num piscar de olhos, a moça já tinha desaparecido.

Chegando em casa, a garrafa dizia ser chamada como "Selicidade Eterna", risondo o outro lado, havia a receita de como deveria ser ingerida a porção. "A garrafa deve ser tomada através de uma colherada de manhã, após acordar, e de noite antes de dormir. O efeito da porção deve acontecer após 30 dias". Animado, Pernas Finas começou a beber, obedecendo a ru-

cita.

Porém, após 5 dias, a impaciência tomou conta de Pernas Finas, sentiu que o efeito da porção nunca iria acontecer. Então, devido ~~ao~~ ~~seu~~ ~~tomado~~ pela ganância e sede, Pernas Finas bebeu a garrafa INTEIRA!

No outro dia, Pernas Finas acordou, e quando foi levantar, caiu de forma desengaçada no chão. Ainda acordando, Pernas Finas viu que tinha tropeçado em suas pernas, mas não em suas pernas normais, mas sim, na de galinhas. Desesperado, Pernas Finas abriu de novo para a garrafa, e nela havia algo a mais, dizendo a seguinte: "Aquele que não tem paciência e a sua vida não amar, desta porção sabera". Então, Pernas Finas, com o passar do tempo, tornou-se desengaçado, uma figura monstruosa tomada pela amargura e ganância!

Fonte: Acervo pessoal.

Essa produção textual em específico chamou atenção, além de esbanjar criatividade, carregam em suas entrelinhas elementos de nossa cultura, as cores do líquido dentro da garrafa que podem ter sido escolhidas para fazer uma referência às cores dos bois de Parintins, a figura da moça que pode ser a ligação com as chamadas "feiticeiras", a questão das bebidas que prometem coisas boas ou o que é desejado para quem a ingerir, a figura do pescador e seus comportamentos como o banho no rio. Produção essa, é uma resposta de que um dos objetivos propostos foi alcançado, pois além desse texto seguir as estruturas de um conto, também é carregado de regionalidade, que, assim como Yamã traz em seu conto "História de seu povo" e elementos que pertencem a ele, deixando registrado essa marca, esse aluno faz isso em seu texto ao registrar no papel elementos os quais ele conhece e tem contato.

A última atividade desenvolvida no contexto da história do conto foi uma peça teatral, que contou com a participação dos alunos. Por se tratar de um conto, que apresenta um número reduzido de personagens, foram selecionados três alunos para interpretar a mulher, o caçador e o pássaro tipuã. Além deles, mais 12 alunos formaram o balé dos pássaros.

A peça foi dividida em dois momentos: o primeiro consistiu na encenação da história, onde os personagens principais interagiram para contar a narrativa; o segundo momento foi dedicado a uma dança, realizada pelo balé dos pássaros, simbolizando a conexão entre os seres humanos e a natureza.

Essa atividade não apenas possibilitou uma exploração mais profunda das emoções e dinâmicas entre os personagens, mas também incentivou a criatividade e o trabalho em equipe entre os alunos. A dança do balé dos pássaros trouxe um elemento visual encantador, reforçando a temática do conto e proporcionando uma experiência enriquecedora para todos os envolvidos.

O retorno após dois anos da oficina executada foi em 2025 com as mesmas turmas, selecionando cinco alunos para a aplicação de um questionário com 10 perguntas que tinham como finalidade descobrir o que mudou na percepção daqueles alunos sobre a literatura indígena e como eles estão lidando atualmente com esta, bem como sobre as práticas teatrais e suas experiências a partir dessa intervenção.

### **3.4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

A análise e discussão dos dados foram conduzidas com base nos questionários aplicados, visando compreender os aprendizados dos alunos durante as oficinas e as transformações em suas percepções sobre o conto “As Makukáwas” ao longo do processo. As questões elaboradas tinham como propósito identificar os aspectos que mais capturaram a atenção dos estudantes e como o trabalho em sala de aula com a literatura indígena pôde influenciar seu modo de pensar, além de desenvolver o interesse pela leitura por meio de abordagens lúdicas.

Para esta análise, foram selecionados os questionários de cinco alunos, cada um contendo dez perguntas. É importante ressaltar que todos os cinco participantes estiveram envolvidos nos dois métodos de intervenção: a oficina em sala de aula e a apresentação da peça teatral baseada no conto.

#### **3.4.1 PERCEPÇÃO INICIAL SOBRE A LITERATURA INDÍGENA**

A primeira questão buscou verificar o conhecimento prévio dos alunos sobre a literatura indígena. Quatro dos cinco alunos responderam que não possuíam conhecimento ou que suas experiências eram bastante superficiais. Os demais indicaram que só a conheceram a partir da obra de Yamã (2012). Essas respostas são particularmente significativas, considerando que a Lei nº 11.645/2008 torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas. No entanto, na prática, ainda persiste uma lacuna considerável no acesso a essas obras literárias. O ensino em sala de aula frequentemente não reflete essa exigência legal, e os materiais didáticos disponíveis para professores e alunos

carecem de um foco adequado na literatura indígena, conforme apontado por Souza (2022, p. 29):

São muitas as inquietações acerca da história indígena, a contada nos livros didáticos romances e outros escritos, assim como não contada. Pouco se conhece sobre a história dos povos indígenas brasileiros, anterior à chegada dos europeus. Crê-se que o colonizador estava interessado em outros registros. O que se conhece são deduções a partir de rastros que esses povos deixaram nas cavernas e utensílios utilizados por eles.

A afirmação de Souza (2022) de que “pouco se conhece sobre a história dos povos indígenas brasileiros” revela um apagamento sistemático das narrativas indígenas, frequentemente sub-representadas ou distorcidas em livros didáticos e outros meios de comunicação. Essa falta de representação contribui para a perpetuação de estereótipos e para a desinformação sobre a rica diversidade cultural e histórica desses povos, como foi consistentemente observado nas respostas à primeira questão.

A segunda questão investigou a noção dos alunos sobre a cultura indígena e seus aspectos culturais. A maioria das respostas foi afirmativa (“sim”), e os alunos demonstraram conhecer grafismos, medicina indígena e, principalmente, histórias, lendas e mitos, embora estes fossem reconhecidos predominantemente como narrativas orais. Esse cenário reflete a predominância da oralidade nas regiões do Baixo Amazonas. Para Thiel (2012, p. 38-39):

A arte de narrar histórias está entrelaçada à própria história humana. Indispensável à construção de grupos sociais, narrativas de tradição oral, escrita e performática representam práticas de tessitura de imaginários, manutenção de saberes ancestrais, expressão artísticas, criação e legitimação de identidades.

Com base nas respostas obtidas, foi possível inferir que, embora a literatura indígena e as histórias dos povos indígenas não tenham encontrado um espaço significativo no ambiente escolar formal, a sociedade, ainda que por uma minoria, tem desempenhado um papel crucial na continuidade dessas narrativas. Essa persistência da tradição oral e performática é fundamental para a preservação e valorização da cultura indígena.

### **3.4.2 ASPECTOS MARCANTES DO CONTO “AS MAKUKÁWAS”**

A terceira questão, direcionada especificamente ao contexto do conto, buscou compreender o que havia chamado à atenção dos alunos. O objetivo inicial era verificar se elementos como a conexão entre homem e natureza na obra seria destacada pelos estudantes, visto que esses elementos foram cruciais para a escolha do texto a ser trabalhado. A maioria

das respostas enfatizou a questão da natureza e a reflexão sobre sustentabilidade, conforme ilustrado pelas falas no quadro abaixo:

**Quadro 1** – Respostas dos alunos “aspectos marcantes do conto”

<b>3</b>	<b>O QUE MAIS CHAMOU ATENÇÃO NO CONTO “AS MAKUKÁS”?</b>
ALUNO A	<i>A parte que um homem alto e forte, mas com pés de pássaro, surge misteriosamente na cozinha do caçador revelando ser o Tipuã.</i>
ALUNO B	<i>[..] me chama a atenção a relação que eles tinham com a natureza.</i>
ALUNO C	<i>[..] sobre o guardião da floresta, e como ele a protege[...].</i>

Esse resultado foi particularmente positivo, pois se alinhava com uma das propostas iniciais do trabalho. De modo geral, a literatura indígena frequentemente carrega em suas entrelinhas temas relacionados à sustentabilidade e à forte conexão com a natureza. Munduruku (2016, p. 60) reforça essa relação intrínseca do homem indígena com a natureza:

O indígena sempre foi filho da terra. É no solo sagrado da mãe Terra que ele vive suas tradições; é dos cabelos da mãe Natureza que o indígena se alimenta, tira a matéria-prima para construir sua casa, fabricar seus arcos e flechas, enterrar seus mortos, celebrar a vida. No entanto, a terra é o bem que ele vê mais ameaçado pelos não indígenas. Essa relação ancestral torna-se um meio poderoso de reivindicar descontentamentos associados ao desmatamento e à caça descontrolada, aspectos que se manifestam claramente no conto estudado. Assim, torna-se evidente que esses temas não apenas capturam a atenção dos alunos, mas também promoveram uma conscientização crítica sobre questões ambientais contemporâneas.

### 3.4.3 MUDANÇA DE PERCEPÇÃO SOBRE A LITERATURA INDÍGENA

A quarta questão teve como objetivo investigar a percepção dos alunos em relação à literatura indígena e se essas percepções haviam se alterado, considerando que dois anos se passaram desde a realização da oficina. As cinco respostas obtidas foram positivas: duas foram categóricas, respondendo "sim", enquanto as demais também afirmaram positivamente, complementando suas respostas ao destacar as principais mudanças na forma como passaram a encarar essa literatura. As respostas dos três alunos selecionados foram:

**Quadro 2** – percepção dos alunos sobre a literatura indígena

<b>4</b>	<b>Após ler “As Makukáwas”, sua percepção sobre a literatura indígena mudou?</b>
ALUNO A	<i>Minha percepção mudou muito após eu ler o conto, mudou principalmente meu modo de ver, pensar e agir em determinadas situações. Em relação aos povos indígenas os contos servem de ajuda no modo de ver as coisas, principalmente quando o conto tem uma lição de moral, neste conto a lição que Tipuã deu ao caçador nos faz refletir no quanto somos consumistas (queremos mais do que necessitamos) e o desrespeito a natureza causando a exploração exagerada.</i>
ALUNO C	<i>Após a leitura, minha percepção mudou em relação a querer saber mais e me aprofundar na questão da ancestralidade indígena.</i>
ALUNO E	<i>Minha percepção mudou bastante depois de ler o livro, eu percebi como a literatura indígena pode ser bastante curiosa e fascinante, com todos os seus saberes e conhecimentos, pode se tornar um material bastante interessante para se estudar ou procurar conhecer.</i>

As respostas dos alunos à questão sobre a mudança de percepção em relação à literatura indígena revelam nuances importantes sobre como a literatura pode impactar a formação de valores e a compreensão cultural. Cada depoimento evidencia não apenas uma transformação pessoal, mas também um convite à reflexão sobre as questões sociais e ambientais que permeiam a vivência dos povos indígenas.

O Aluno A, por exemplo, destaca que sua percepção mudou profundamente após a leitura do conto, enfatizando como essa alteração não se restringe apenas ao entendimento da narrativa, mas se estende ao seu modo de ver e interpretar diferentes situações no cotidiano. A menção ao consumismo e ao desrespeito à natureza demonstra uma conexão crítica entre os ensinamentos do conto e as realidades contemporâneas, sugerindo que a literatura indígena pode servir como um espelho que reflete problemas atuais e provoca reflexões sobre o comportamento humano.

Por sua vez, o Aluno C expressa um desejo de aprofundar-se na questão da ancestralidade indígena, indicando que a leitura despertou um interesse genuíno por saber mais sobre as raízes culturais e históricas desses povos. Essa busca por conhecimento é fundamental, pois permite que os alunos compreendam melhor os contextos de produção dessas literaturas e o valor intrínseco das vozes indígenas na construção da identidade nacional.

O Aluno E apresenta uma perspectiva fascinante ao mencionar a curiosidade e o fascínio que a literatura indígena desperta. Ao reconhecer que essa forma de expressão pode ser um material rico para estudo, ele abre espaço para discussões sobre a importância de incluir essas narrativas no currículo escolar. A diversidade de saberes presentes na literatura indígena não apenas enriquece o acervo cultural dos alunos, mas também promove um diálogo entre diferentes modos de ver o mundo.

Essas respostas demonstram claramente que a literatura indígena não é apenas uma forma de entretenimento ou um recurso didático; ela é uma ferramenta poderosa para moldar atitudes, fomentar a empatia e promover um entendimento mais profundo das realidades culturais diversas. A literatura indígena pode, assim, contribuir para a formação do jovem no multiculturalismo que, para Modood (2010, p. 79), "[...] é uma realidade de integração [...] Trata-se de pessoas que possuem um sentido de identidade grupal, seu próprio senso de vínculo, de pertencimento [...]". Ao explorar esse conto, os alunos foram convidados a refletir sobre suas próprias identidades e suas relações com o outro, criando oportunidades para desenvolver uma postura crítica e respeitosa em relação às diferenças.

### 3.4.4 RELEVÂNCIA DOS TEMAS ABORDADOS PARA A SOCIEDADE

As respostas dos alunos à quinta questão revelaram um panorama interessante sobre as comparações que eles fazem entre a literatura indígena e outras formas de expressão literária. A Aluna A, em sua resposta, enfatiza que nada se compara à literatura indígena, destacando como essa forma de arte carrega um rico entrelaçamento de tradições, mitos e saberes ancestrais. Para ela, a singularidade da literatura indígena reside em sua capacidade de transmitir não apenas histórias, mas também uma profunda conexão com a cultura e a espiritualidade dos povos originários.

A Aluna C, por outro lado, traz uma perspectiva que enriquece ainda mais essa discussão ao mencionar a obra "Metade Cara, Metade Máscara" da autora também indígena Eliane Potiguara. Ela aponta semelhanças entre essa obra e o conto de Yamã (2012), especialmente na valorização da cosmovisão indígena e da ancestralidade. Ambos os textos não apenas celebram a espiritualidade, mas também denunciam as violências históricas enfrentadas pelos povos indígenas e o apagamento cultural que muitas vezes ocorre. O conto de Yamã (2012) é descrito por ela como uma obra que aborda temas simbólicos e poéticos com uma forte ligação à natureza e aos seres espirituais. Essa conexão revela uma forma única de ver o mundo que é intrínseca às narrativas indígenas.

O Aluno E apresenta uma comparação mais ousada ao relacionar o conto com a literatura de terror. Ele menciona que a história ilustra claramente as consequências dos atos do caçador, criando uma característica amedrontadora. Essa abordagem ressalta como a literatura indígena pode provocar emoções intensas e reflexões profundas sobre ações humanas e suas repercussões no mundo natural. Ao evocar o medo e a tensão, o aluno destaca uma das facetas que tornam essa literatura tão envolvente e impactante.

A sexta questão enfatiza quais questões abordadas no texto seriam importantes para promover uma mudança no pensamento da sociedade. Em sua maioria, as respostas destacaram a mensagem de sustentabilidade, a importância da preservação ambiental e os aspectos culturais. No entanto, é fundamental reconhecer que, para evitar a desvalorização dessas questões devido à falta de conhecimento, é necessário compreender sua relevância de maneira abrangente. Munduruku (2008) ressalta que:

A escrita é uma técnica. É preciso dominar esta técnica com perfeição para poder utiliza-la a favor da gente indígena. Técnica não é negação do que se é. Ao contrário, é afirmação de competência. É demonstração de capacidade de transformar a memória em identidade, pois ela reafirma o Ser na medida em que precisa adentrar no universo mítico para dar-se a conhecer ao outro. O papel da literatura indígena é, portanto, ser portadora da boa notícia do (re)encontro. Ela não destrói a memória na medida em que a reforça e acrescenta ao repertório tradicional outros acontecimentos e fatos que utilizam o pensar ancestral. Há um fio muito tênue entre

oralidade e escrita, disso não se duvida. Alguns querem transformar este fio numa ruptura. Prefiro pensar numa complementação.

Munduruku (2008) quando apresenta a ideia de que a literatura indígena pode ser portadora da “boa notícia (re)encontro” pode-se ligar a mensagem de preservação. Ao contar suas histórias e recontar suas memórias, os autores indígenas não apenas resgatam suas identidades, mas também criam um diálogo com o mundo não indígena, promovendo uma compreensão mais profunda das suas realidades e desafios. Isso pode incentivar ações de preservação e respeito pelos modos de vida indígenas.

A mensagem de sustentabilidade não deve ser vista apenas como um apelo à conservação dos recursos naturais; ela deve ser entendida como um chamado à ação coletiva que envolve todos os setores da sociedade. Para que essa mensagem tenha um impacto significativo, é imprescindível que haja uma educação ambiental eficaz, que informe e sensibilize as pessoas sobre a importância de práticas sustentáveis em suas vidas cotidianas. A inclusão de temas relacionados à sustentabilidade nos currículos escolares e em campanhas de conscientização pode facilitar essa compreensão, permitindo que as gerações futuras desenvolvam uma relação mais harmônica com o meio ambiente.

A preservação ambiental deve ser considerada uma questão ética e social. A degradação dos ecossistemas não afeta apenas a biodiversidade, mas também impacta diretamente as comunidades locais, especialmente aquelas que dependem dos recursos naturais para sua subsistência

Os aspectos culturais desempenham um papel igualmente importante nesse contexto. A valorização das culturas locais e dos saberes tradicionais pode oferecer soluções inovadoras para os desafios ambientais contemporâneos. Muitas vezes, esses conhecimentos ancestrais contêm práticas sustentáveis que foram desenvolvidas ao longo de gerações e que podem ser fundamentais na busca por alternativas viáveis às crises ambientais. Assim, é essencial promover o diálogo entre ciência moderna e saberes tradicionais, criando um espaço onde ambos possam coexistir e enriquecer mutuamente.

### **3.4.5 REFLEXÕES SOBRE A IMPLEMENTAÇÃO DA LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA**

As questões de um a quatro apresentadas nos quadros abaixo tiveram o intuito de promover uma reflexão pessoal sobre as atividades desenvolvidas e sobre o que pode ser feito para mudar o contexto em relação à implementação da literatura indígena nas salas de aula. Além disso, busca-se compreender se as atividades realizadas influenciaram de alguma forma,

despertando um interesse que possa ter contribuído para mudanças significativas na vida dos participantes.

**Quadro 3** – opiniões relacionadas as questões enfrentadas pelos povos indígenas

1	<b>De que forma a leitura do conto influenciou suas opiniões ou sentimentos em relação às questões enfrentadas pelos povos indígenas hoje?</b>
ALUNO A	<i>De que é luta e essa luta continua, tanto na literatura como pelos seus direitos.</i>
ALUNO B	NÃO RESPONDEU
ALUNO C	<i>A leitura do conto me fez enxergar a caça não como um ato de violência, mas como uma prática ancestral cheia de significado, ligada à sobrevivência, ao respeito à natureza e à espiritualidade. Percebi que muitos povos indígenas caçam de forma equilibrada, sem destruir o meio ambiente, diferentemente da exploração predatória comum na sociedade não indígena. Isso me fez repensar os julgamentos que muitas vezes recaem sobre essas práticas e entender que elas fazem parte de um modo de vida que precisa ser respeitado e preservado.</i>
ALUNO D	<i>É Necessário preservar o meio ambiente.</i>
ALUNO E	<i>Ela me mostrou que com a caça desnecessária de animais, vários povos indígenas</i>

Estas respostas no quadro à cima representam diferentes níveis de compreensão e envolvimento com as questões enfrentadas pelos povos indígenas. O Aluno A menciona a luta contínua dos povos indígenas, onde destaca a importância dessa luta tanto na literatura quanto na busca por direitos, o que demonstra uma boa percepção sobre a relevância da representatividade. O Aluno B não respondeu, o que pode ser uma oportunidade para incentivá-lo a se envolver mais nas discussões e refletir sobre o tema.

O Aluno C apresenta uma reflexão profunda ao enxergar a caça não como um ato de violência, mas como uma prática ancestral cheia de significado, ligada à sobrevivência e ao respeito à natureza. Ele destaca a diferença entre a caça indígena, que é equilibrada e respeitosa com o meio ambiente, e a exploração predatória comum na sociedade não indígena. Essa mudança de perspectiva indica um maior respeito pela cultura indígena.

Em contrapartida, o Aluno D oferece uma resposta simples e direta ao afirmar que é necessário preservar o meio ambiente. Já o Aluno E traz uma preocupação válida ao relacionar a caça desnecessária à escassez de alimentos para os povos indígenas, mostrando empatia pela situação deles e compreendendo as implicações sociais e culturais das ações humanas.

De modo geral, as respostas variam em profundidade, mas algumas demonstram uma compreensão das questões enfrentadas pelos povos indígenas hoje, evidenciando como cada aluno relaciona suas reflexões pessoais com o tema.

**Quadro 4** – ideias para levar a literatura indígena para as escolas

2	<b>O que você acha que pode ser feito para promover uma melhor compreensão e</b>
---	--

	<b>apreciação da literatura indígena em sala de aula? Você acha que as oficinas podem ser uma boa metodologia.</b>
ALUNO A	<i>Levar diferentes formas de leitura, as oficinas são uma boa ideia, pra não transformar a leitura em algo chato e cansativo.</i>
ALUNO B	<i>Fazendo os alunos entenderem para que a literatura indígena serve, sendo mostrada em sarais, brincadeiras lúdicas referente a literatura.</i>
ALUNO C	<i>Em meu ver, o teatro e oficinas de práticas e oralidade são metodologias que podem trazer um público maior ao conhecimento da literatura indígena, principalmente o público mais jovem.</i>
ALUNO D	<i>As oficinas são ótimos meios, partir das oficinas, além da diversão aprendemos bastante.</i>
ALUNO E	<i>Uma ideia é procurar fazer interpretações da literatura, como filmes, teatros e séries, fazendo com que o público se sintam chamado para assistir e conhecer a literatura indígena .</i>

As respostas da segunda questão mostram um entusiasmo coletivo e um interesse genuíno em explorar mais sobre a literatura e as culturas indígenas após a atividade sobre o conto. O Aluno A expressa curiosidade específica sobre o conto de Yamã (2012), descrevendo-o como "interessante" e "misterioso", o que indica que ficou intrigado não apenas pela história, mas também pela possibilidade de descobrir outras narrativas com a mesma profundidade. O Aluno B menciona que a atividade abriu uma "nova janela de conhecimento" e deixou "lacunas abertas", sugerindo que ficou ansioso para preencher essas lacunas por meio de mais leituras, demonstrando uma atitude proativa em relação ao aprendizado.

O Aluno C já está em um caminho de busca ativa por conhecimento cultural, mostrando interesse contínuo em aprender mais, o que pode levar a um engajamento mais profundo com a literatura indígena. O Aluno D destaca o impacto emocional do conto, que despertou seu interesse por uma cultura que considera "rica", sugerindo uma abertura para explorar não apenas a literatura, mas também outras manifestações culturais indígenas. Por fim, o Aluno E reconhece a atividade como "uma peça chave" na sua motivação para aprender mais sobre a cultura indígena, reforçando como experiências práticas podem ser eficazes na educação.

As respostas desta questão revelaram como atividades educativas bem estruturadas podem despertar um interesse genuíno pelas culturas indígenas, incentivando os alunos não apenas a ler mais. Cada aluno traz uma perspectiva única, mas todos compartilham um desejo comum de aprofundar seu conhecimento, o que é encorajador para futuras discussões e aprendizados sobre o tema.

**Quadro 5-** Influências das atividades na vida dos alunos

<b>3</b>	<b>Você tem interesse em ler mais sobre a literatura indígena ou aprender mais sobre as culturas indígenas depois das atividades realizadas em sala sobre o conto?</b>
ALUNO A	<i>Sim, bastante a maneira como foi apresentado o conto despertou interesse, o conto das makukawas é interessante e misteriosa, desperta a curiosidade para saber se os outros são assim.</i>
ALUNO B	<i>Sim, a atividade feita em sala abriu uma nova janela de conhecimento e deixando algumas lacunas abertas para o meu melhor aprendizado.</i>
ALUNO C	<i>Sim, tenho procurado saber a cultura e principalmente, me interessado em outras obras literárias.</i>
ALUNO D	<i>Sim, porque o conto despertou meu interesse em querer saber mais dessa cultura rica.</i>
ALUNO E	<i>Sim, a peça foi uma peça chave para eu querer aprender mais sobre a cultura indígena</i>

Á questão três sobre o interesse em ler mais sobre a literatura indígena e aprender sobre as culturas indígenas após as atividades em sala. O Aluno A expressa um entusiasmo genuíno, destacando como a apresentação do conto das makukawas despertou sua curiosidade, levando-o a querer explorar outras histórias semelhantes. O Aluno B menciona que a atividade abriu uma "nova janela de conhecimento", indicando que não apenas adquiriu informações, mas também se sentiu motivado a buscar mais aprendizado, reconhecendo que ainda há "lacunas" a serem preenchidas. O Aluno C demonstra uma iniciativa pessoal ao procurar entender mais sobre a cultura e se interessar por outras obras literárias, mostrando um compromisso ativo com sua própria educação. Já o Aluno D fala sobre o impacto emocional que o conto teve, despertando seu interesse por uma cultura que considera rica, o que é fundamental para criar conexões significativas com o conteúdo estudado. Por fim, o Aluno E descreve a atividade como uma "peça chave" para seu desejo de aprender mais sobre a cultura indígena, evidenciando como experiências bem estruturadas podem ser catalisadoras de interesse e valorização cultural. No geral, as respostas indicam que os alunos estão ansiosos para aprofundar seus conhecimentos e explorar mais sobre as ricas tradições indígenas, o que é encorajador para futuras discussões e aprendizados na sala de aula.

**Quadro 6-** experiências da atividades desenvolvidas

<b>4</b>	<b>Relate sua experiência e aprendizados ao participar das oficinas em sala de aula e o teatro apresentado na uea.</b>
ALUNO A	<i>As oficinas foram prazerosas e de muito aprendizado, o teatro foi diferente da rotina, vivemos a história escrita dando vida a cada personagem.</i>
ALUNO B	<i>Minha experiência diante das oficinas foi bastante produtiva</i>
ALUNO C	<i>Minha experiência ao participar das oficinas e da peça de teatro foram gratificantes e de muito aprendizado, onde pude não somente receber como compartilha de conhecimentos com os demais colegas, enriquecendo meu saberes em respeito da ancestralidade e cultura indígena.</i>
ALUNO D	<b>NÃO RESPONDEU</b>
ALUNO E	<i>Ao participar das oficinas e no teatro, eu pude perceber o quão incrível é a cultura indígena e suas literaturas, com histórias únicas e fantásticas, nos ensaios nós conseguimos aprender bastante, além de conhecer músicas m, obras literárias e obras de artes da cultura indígena, sem dúvida uma experiência única em minha vida.</i>

Por fim as respostas dos alunos a última questão sobre suas experiências nas oficinas e no teatro apresentado na UEA. O Aluno A destacou a prazerosa vivência das oficinas, onde o teatro proporcionou uma nova perspectiva ao seu cotidiano, permitindo que ele se conectasse emocionalmente com a narrativa ao dar vida aos personagens. Por outro lado, o Aluno B, embora não tenha elaborado sua opinião, indicou que encontrou um ambiente produtivo, sugerindo que as atividades propostas foram valiosas para seu aprendizado.

O Aluno C enfatizou a gratificação de compartilhar conhecimentos com os colegas e o aprendizado sobre ancestralidade e cultura indígena. O Aluno E complementou essa visão ao expressar sua admiração pela cultura indígena, mencionando as histórias únicas e o aprendizado sobre músicas e obras literárias.

Entretanto, a ausência de resposta do Aluno D aponta para um desafio importante: garantir que todos os alunos se sintam confortáveis e motivados a participar das discussões. Essa diversidade nas respostas revela diferentes níveis de expressão e conforto entre os alunos, destacando a importância de criar um ambiente inclusivo onde cada voz seja ouvida.

Com base em todas as respostas pode-se dizer que as experiências relatadas mostram que as oficinas e o teatro não apenas enriqueceram o conhecimento dos alunos sobre a cultura indígena, mas também fomentaram um espaço de aprendizado colaborativo e reflexivo. No entanto, é essencial continuar buscando formas de envolver todos os alunos ativamente, garantindo que cada um tenha a oportunidade de compartilhar suas experiências e contribuir para o aprendizado coletivo.

## CONSIDERAÇÕES

Este estudo, ao investigar "A Literatura Indígena e a Promoção da Diversidade Cultural em uma escola pública de Parintins-AM", alcançou seu objetivo principal de ressignificar a perspectiva estudantil sobre a literatura indígena no ambiente escolar. Por meio de uma abordagem qualitativa e de campo, complementada por pesquisa bibliográfica e foi possível evidenciar o potencial transformador da literatura indígena quando abordada por metodologias ativas e contextualizadas.

A análise do conto "As Makukawas", de Yaguarê Yamã, revelou-se um instrumento pedagógico eficaz. A narrativa, rica em elementos regionais e sobrenaturais, capturou o interesse dos alunos do 9º ano, despertando discussões sobre a relação homem-natureza, a sabedoria ancestral e a desconstrução de estereótipos, conforme as respostas obtidas nos questionários. Ficou evidente que a temática da sustentabilidade e a forte conexão com a natureza, intrínsecas à literatura indígena, ressoaram significativamente entre os estudantes, promovendo uma conscientização crítica sobre questões ambientais contemporâneas, tal como reforçado por Munduruku (2016) ao descrever a profunda relação do indígena com a Terra.

As oficinas e a adaptação teatral do conto demonstram ser metodologias promissoras para o ensino da literatura indígena. A ludicidade, a oralidade, o emprego de elementos visuais e a prática teatral, como destacado por Spolin (2010) ao abordar os jogos teatrais, não apenas estimularam a participação ativa e a criatividade dos alunos, mas também facilitaram a compreensão da estrutura narrativa dos contos e o aprofundamento em temas culturais e identitários. A experiência proporcionada transcendeu a mera decodificação de palavras, fomentando uma "nova janela de conhecimento" e o desejo de aprofundamento na ancestralidade e cultura indígena, conforme explicitado pelos próprios alunos nas questões sobre suas percepções e interesses.

A pesquisa revelou, contudo, a persistência de uma lacuna significativa no acesso e na compreensão da literatura indígena no currículo escolar, mesmo com a obrigatoriedade imposta pela Lei nº 11.645/2008. O desconhecimento inicial dos alunos sobre a literatura amazonense e seus autores, bem como sobre a própria existência da literatura indígena autoral, ratifica a necessidade urgente de integrar essas vozes de forma mais substancial e sistemática nas práticas pedagógicas. A oralidade, ainda que predominante nas regiões amazônicas e reconhecida pelos alunos, precisa ser complementada pela escrita, que, segundo

Munduruku (2008), atua como ferramenta de "boa notícia do (re)encontro", reforçando a memória e a identidade dos povos originários.

Em suma, este trabalho não apenas validou a eficácia das metodologias ativas no ensino da literatura indígena, mas também sublinhou a imperiosa necessidade de valorizar e preservar a diversidade cultural brasileira. A inserção da literatura indígena no ambiente escolar, articulando conhecimento acadêmico, saberes tradicionais e experiências práticas, contribui para uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora, formando cidadãos aptos a compreender e respeitar as múltiplas identidades que compõem nossa nação, promovendo, assim, um multiculturalismo integrador, conforme postulado por Modood (2010). Recomenda-se, portanto, que as instituições de ensino e os formuladores de políticas educacionais invistam na capacitação de professores e na disponibilização de materiais didáticos que contemplem a riqueza e a singularidade das produções literárias indígenas.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Teoria e Prática em psicomotricidade: jogos, atividades lúdicas, expressão corporal e brincadeiras infantis**. Rio de Janeiro, Wak Editora, 2006.

BRASIL. **Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11645.htm)> Acesso em: 20-nov-2024.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.

DARNTON, R. **História da leitura**. In: BURKE, P. (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p.199-236.

DIONÍSIO, Maria de Lourdes. **Literatura, leitura e escola: uma hipótese de trabalho para construção do leitor compositor**. In: PAIVA, Aparecida *et al.* (org). *Leituras literárias, discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

ELIADE, Mircea. **Mito e Realidade**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

GRAÚNA, Graça. **Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil**. 1. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013. 196 p.

GIL, Antonio Carlos. **Metodos e técnicas de pesquisa social**. 6º ed. São Paulo: Atlas. 2008.

HAKIY, Tiago. **Literatura indígena – a voz da ancestralidade**. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico] / Julie Dorrico; Leno Francisco Danner; Heloisa Helena Siqueira Correia; Fernando Danner (Orgs.)* -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. 424 p. ISBN -978-85-5696-438-0. Disponível: <http://atempa.org.br/wp-Livro-pdf>. Acesso em: 20-nov-2024.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MODOOD, Tariq. Multiculturalismo, Etnicidade e integração: desafios contemporâneos. In: AXT, Gunter; SCHÜLER, Fernando Luis (org.). **Fronteiras do Pensamento**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

MUNDURUKU, Daniel. **A literatura indígena não é subalterna: O escritor Daniel Munduruku fala sobre o desenvolvimento e o contexto atual da literatura indígena**. [S. l.], 16 mar. 2018. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/a-literatura-indigena-nao-e-subalterna>. Acesso em: 13 nov. 2024.

MUNDURUKU, Daniel. **Literatura indígena e o tênue fio entre escrita e oralidade**, 2008. Disponível em: <http://www.overmundo.com.br/overblog/literatura-indigena>. Acesso em: 07 de maio. 2025.

MUSSA, A. **Meu destino é ser onça**. Rio de Janeiro: Record, 2009.

POTIGUARA, Eliane. Eliane Potiguara fala sobre a literatura dos povos indígenas no Brasil: No Dia do Índio, **programa Universo Literário** destacou a expressão cultural dos povos indígenas brasileiros por meio da escrita. [S. l.], 18 abr. 2018. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/noticias/eliane-potiguara-fala-sobre-a-literatura-dos-povos-indigenas-no> contextualizou. Acesso em: 19 nov. 2024

RIBEIRO, Berta G. **O índio na cultura brasileira**. 1º ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013.

SPOLIN, Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula: um manual para o professor**. Tradução: Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2010.

SEVERINO, Antônio Joaquin. **Metodologia do trabalho científica**. 23º ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. (livro eletrônico). 1º Ed. São Paulo: Cortez, 2013.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17º .ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

THIEL, Janice. **Pele silenciosa, pele sonora: a literatura indígena em destaque**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

YAMÃ, Yaguarê. **Contos da floresta**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à Poesia Oral. (Trad.)** Jerusa Pires Ferreira; Maria Lúcia Diniz Pochat; Maria Inês de Almeida. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

**ANEXOS**

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
ACADÊMICA: LILIANE CARNEIRO PAULAIN

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA OFICINA E PEÇA TEATRAL REFERENTE AO CONTO "AS MAKUKÁWAS" DO ESCRITOR ÍNDIGENA YAGUARÊ YAMÃ.. Parintins-AM, 04/04/2025;

Identificação do aluno:

Aluno A

- Seu papel na peça: personagem Makukawo

1. Antes de ler o conto "As Makukáwas", você tinha algum conhecimento sobre a literatura indígena? Se sim, qual?

Sim, eu tinha conhecimento de algumas literaturas indígenas antes de ler o conto "As Makukáwas", porém no momento não me recordo do nome de algumas que já li.

2. O que você já sabia sobre as culturas indígenas e suas tradições narrativas?

Eu já sabia que eram povos que tinham suas narrativas orais e suas artes e que é forte e presente no período do festival

3. O que mais chamou sua atenção no conto "As Makukawas"? (Por exemplo, relação com a natureza, identidade cultural, resistência, etc.)

O que mais me chamou atenção no conto foi a parte em que um homem alto e forte, mas com pés pequenos, se esconde misteriosamente na cozinha do cacador sendo o tipuá (um ser da floresta). É quando o tipuá participa o cacador.

4. Após ler "As Makukawas", sua percepção sobre a literatura indígena mudou?

Minha percepção mudou muito após eu ler o conto, mudou principalmente meu modo de ver, pensar e agir em determinadas situações. Em relação aos povos indígenas os contos servem e ajudam no modo de ver as coisas, principalmente quando o conto tem uma lição de moral, neste conto a lição que o Tupacá deu ao caçador nos fez refletir no quanto somos consumidores (queremos mais do que precisamos) e o desrespeito a natureza causando a exploração exagerada.

5. Você compararia esse conto com outras obras literárias que você conhece? Quais são as semelhanças e diferenças?

Creio que nada se compare com a literatura indígena, porque ela carrega um misto de tradições e vivências.

6. Que aspectos do conto "As Makukáwas" você acredita serem importantes para a sociedade?

O respeito pela natureza, as criaturas e seres místicos que habitam a floresta, a relação dos povos indígenas com a floresta e a importância de compreender a cultura indígena como um sistema de conhecimento.

. Reflexão Pessoal:

1. De que forma a leitura do conto influenciou suas opiniões ou sentimentos em relação às questões enfrentadas pelos povos indígenas hoje?

De que é dita e essa luta continua, tanto na literatura como pelos seus direitos.

2. O que você acha que pode ser feito para promover uma melhor compreensão e apreciação da literatura indígena em sala de aula? Você acha que as oficinas podem ser uma boa metodologia?

Ter diferentes formas de leituras, as oficinas são uma boa ideia, mas não transformar a leitura em algo chato e cansativo

3. Você tem interesse em ler mais sobre literatura indígena ou aprender mais sobre as culturas indígenas depois das atividades realizadas em sala sobre o conto?

Sim, bastante a moçica como foi apresentada o conto despertou interesse, o conto das Mokukáuká e interessante e misterioso, despertou a curiosidade para saber se os outros são assim

4. Relate sua experiência e aprendizados ao participar das oficinas em sala de aula e o teatro apresentado na uea.

As oficinas foram provechosas e de muito aprendizado, o teatro foi diferente da rotina, vivemos a história, escutamos dentro vivo a cada personagem.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
ACADÊMICA: LILIANE CARNEIRO PAULAIN

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA OFICINA E PEÇA TEATRAL REFERENTE AO CONTO "AS MAKUKÁWAS" DO ESCRITOR ÍNDIGENA YAGUARÊ YAMÃ.. Parintins-AM, 04/04/2025;

**Identificação do aluno:**

Aluno \_\_\_\_

- Seu papel na peça: \_\_\_\_\_

1. Antes de ler o conto "As Makukáwas", você tinha algum conhecimento sobre a literatura indígena? Se sim, qual?

Antes de ler o conto, meus conhecimentos sobre a literatura indígena eram bastante rasos

---

---

---

---

2. O que você já sabia sobre as culturas indígenas e suas tradições narrativas?

Eu não sabia muito sobre a cultura indígena e suas tradições narrativas, mas depois que comecei a ler o conto tive um avanço nesses estudos.

---

---

---

---

3. O que mais chamou sua atenção no conto "As Makukawas"? (Por exemplo, relação com a natureza, identidade cultural, resistência, etc.)

O que me chamou atenção foi como a ganância do homem por querer matar Makukáwas trouxe uma maldição na vida dele. E o outro foi como a natureza sempre tem uma forma de ensinar as pessoas a procurar usar os recursos apenas para o necessário.

4. Após ler "As Makukawas", sua percepção sobre a literatura indígena mudou?

minha percepção mudou bastante depois de ler o livro, eu percebi como a literatura indígena pode ser bastante curiosa e fascinante, com todos os seus saberes e conhecimentos, pode se tornar um material bastante interessante para se estudar ou procurar conhecer.

5. Você compararia esse conto com outras obras literárias que você conhece? Quais são as semelhanças e diferenças?

Eu as compararia as obras de suspense e terror, visto que a história mostrava com clareza as consequências dos atos do caçador, tornando a experiência bem amarrada.

7. Que aspectos do conto "As Makukawas" você acredita serem importantes para a sociedade?

A parte sobre as lendas que são contadas nas tribos indígenas, porque pode provocar curiosidade e fascínio no leitor.

#### . Reflexão Pessoal:

1. De que forma a leitura do conto influenciou suas opiniões ou sentimentos em relação às questões enfrentadas pelos povos indígenas hoje?

Ela me mostrou que com a caça desnecessária de animais, vários povos indígenas que necessitam desse alimento deixam de se alimentar, tornando a comida mais escassa e difícil de se conseguir.

2. O que você acha que pode ser feito para promover uma melhor compreensão e apreciação da literatura indígena em sala de aula? Você acha que as oficinas podem ser uma boa metodologia?

uma ideia é procurar fazer interpretações da literatura, como filmes, textos e séries, fazendo com que o público se sintam chamados para assistir e conhecer a literatura indígena.

3. Você tem interesse em ler mais sobre literatura indígena ou aprender mais sobre as culturas indígenas depois das atividades realizadas em sala sobre o conto?

sim, a peça foi uma chave para eu querer aprender mais sobre a cultura indígena

4. Relate sua experiência e aprendizados ao participar das oficinas em sala de aula e o teatro apresentado na uea.

ao participar das oficinas e no teatro, eu pude perceber o quão incrível é a cultura indígena e suas literaturas, com histórias únicas e fantásticas. nos ensaios nós conseguimos aprender bastante, além de conhecer músicas, obras literárias e obras de artes da cultura indígena sem dúvida uma experiência única em minha vida.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
ACADÊMICA: LILIANE CARNEIRO PAULAIN

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA OFICINA E PEÇA TEATRAL REFERENTE AO CONTO "AS MAKUKÁWAS" DO ESCRITOR ÍNDIGENA YAGUARÊ YAMÃ.. Parintins-AM, 04/04/2025;

**Identificação do aluno:**

Aluno B

- Seu papel na peça: mulher

1. Antes de ler o conto "As Makukáwas", você tinha algum conhecimento sobre a literatura indígena? Se sim, qual?

Não, na realidade assim que foi-me dito sobre "as Makukáwas" fiquei bastante surpresa por saber que era uma história da literatura indígena

2. O que você já sabia sobre as culturas indígenas e suas tradições narrativas?

Tu sabia que as narrativas indígenas se voltava para lendas, resistência e normalmente se passavam nas florestas.

3. O que mais chamou sua atenção no conto "As Makukawas"? (Por exemplo, relação com a natureza, identidade cultural, resistência, etc.)

Me chamou atenção a mulher ser submissa? ao homem, atuando e aprendendo com a narrativa também me chama a atenção a relação que eles tinham com a natureza. No final se desfecho fazendo a gente entender que temo que preservar a natureza.

4. Após ler "As Makukawas", sua percepção sobre a literatura indígena mudou?

*Sim*

---

---

---

---

---

---

---

5. Você compararia esse conto com outras obras literárias que você conhece? Quais são as semelhanças e diferenças?

---

---

---

---

---

---

---

6. Que aspectos do conto "As Makukáwas" você acredita serem importantes para a sociedade?

*O instinto de preservação diante do cotidiano.*

---

---

---

---

---

---

---

. Reflexão Pessoal:

1. De que forma a leitura do conto influenciou suas opiniões ou sentimentos em relação às questões enfrentadas pelos povos indígenas hoje?

---

---

---

---

---

---

---

2. O que você acha que pode ser feito para promover uma melhor compreensão e apreciação da literatura indígena em sala de aula? Você acha que as oficinas podem ser uma boa metodologia?

Fazendo os alunos entenderem para que a literatura indígena serve sendo mostrada em saídas, brincadeiras lúdicas referente a literatura... Sim.

3. Você tem interesse em ler mais sobre literatura indígena ou aprender mais sobre as culturas indígenas depois das atividades realizadas em sala sobre o conto?

Sim, a atividade feita em sala abriu uma nova janela de conhecimento e deixando algumas lacunas abertas para o meu melhor aprendizado

4. Relate sua experiência e aprendizados ao participar das oficinas em sala de aula e o teatro apresentado na uea.

Minha experiência diante das oficinas foi bastante produtiva já

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
ACADÊMICA: LILIANE CARNEIRO PAULAIN

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA OFICINA E PEÇA TEATRAL REFERENTE AO CONTO "AS MAKUKÁWAS" DO ESCRITOR ÍNDIGENA YAGUARÊ YAMÃ.. Parintins-AM, 04/04/2025;

Identificação do aluno:

Aluno C

- Seu papel na peça: passaro makukáwa

1. Antes de ler o conto "As Makukáwas", você tinha algum conhecimento sobre a literatura indígena? Se sim, qual?

Antes de ler sobre o conto "As Makukáwas", meu entendimento sobre a literatura indígena era inexistente.

2. O que você já sabia sobre as culturas indígenas e suas tradições narrativas?

Eu já obtinha conhecimentos sobre seus grafismos, medicina indígena e algumas lendas indígenas amazônicas.

3. O que mais chamou sua atenção no conto "As Makukawas"? (Por exemplo, relação com a natureza, identidade cultural, resistência, etc.)

Um tópico interessante que chama atenção na obra é sobre a preservação da floresta, e como ela a protege, sobre a importância do ser humano.

4. Após ler "As Makukawas", sua percepção sobre a literatura indígena mudou?

Após a leitura, minha percepção mudou em relação a querer saber mais e me aprofundar na questão da ancestralidade indígena.

5. Você compararia esse conto com outras obras literárias que você conhece? Quais são as semelhanças e diferenças?

Eu a compararia com com Mitokê Lara, metade máscara, de Eliene Potiguara, pois ambas valorizam a cosmovisão indígena, a ancestralidade e a espiritualidade como elementos centrais da identidade dos povos originários. Enquanto Makukawas trabalha esse tema de forma simbólica e poética, com forte ligação com a natureza e os seus elementos, Mitokê Lara, metade máscara é uma narrativa mais direta e crítica, denunciando a violência histórica, o apagamento cultural e os conflitos de identidade indígenas.

indígena especialmente pelas mulheres.

6. Que aspectos do conto "As Makukawas" você acredita serem importantes para a sociedade?

Para o público mais amplo o aspecto de herança cultural através dos saberes passados principalmente pela oralidade, é uma forma de transmitir essa cultura para que outros pessoas não desvalorizem por não saberem.

. Reflexão Pessoal:

1. De que forma a leitura do conto influenciou suas opiniões ou sentimentos em relação às questões enfrentadas pelos povos indígenas hoje?

A leitura do conto me fez enxergar a vida não como um ato de violência, mas como uma prática ancestral cheia de significado, dignidade e soberania, um respeito à natureza e à espiritualidade. Percebi que muitos povos indígenas vivem de forma equilibrada, em detrato do meio ambiente, diferentemente da exploração predatória comum na sociedade não indígena. Isso me fez refletir sobre os apagamentos que muitas vezes ocorrem sobre essas práticas e entender que elas fazem parte de um modo de vida que precisa ser respeitado e preservado.

2. O que você acha que pode ser feito para promover uma melhor compreensão e apreciação da literatura indígena em sala de aula? Você acha que as oficinas podem ser uma boa metodologia?

Em meu ver, o teatro e oficinas de práticas e corresponsabilidade são metodologias que podem trazer um público maior ao conhecimento da literatura indígena, principalmente o público mais jovem.

3. Você tem interesse em ler mais sobre literatura indígena ou aprender mais sobre as culturas indígenas depois das atividades realizadas em sala sobre o conto?

Sim, tenho procurado saber da cultura, principalmente, me interessado em outras obras literárias.

4. Relate sua experiência e aprendizados ao participar das oficinas em sala de aula e o teatro apresentado na uca.

minha experiência ao participar das oficinas e da peça de teatro foram gratificantes e de muito aprendizado, onde pude não somente receber como compartilhar os conhecimentos com os demais colegas, enriquecendo meu saber em respeito à ancestralidade e cultura indígena.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS  
ACADÊMICA: LILIANE CARNEIRO PAULAIN

QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ALUNOS QUE PARTICIPARAM DA OFICINA E PEÇA TEATRAL REFERENTE AO CONTO “AS MAKUKÁWAS” DO ESCRITOR ÍNDIGENA YAGUARÊ YAMÃ.. Parintins-AM, 04/04/2025;

**Identificação do aluno:**

Aluno D

- Seu papel na peça: makukáwa

1. Antes de ler o conto "As Makukáwas", você tinha algum conhecimento sobre a literatura indígena? Se sim, qual?

Não, não tinha

---

---

---

---

---

---

2. O que você já sabia sobre as culturas indígenas e suas tradições narrativas?

Sabia que a narrativa indígena sempre foi muito voltada para a resistência e sustento do meio ambiente,

---

---

---

3. O que mais chamou sua atenção no conto "As Makukawas"? (Por exemplo, relação com a natureza, identidade cultural, resistência, etc.)

O que mais me chamou atenção é que o conto promove reflexão sobre sustentabilidade e convivência harmônica com a Floresta.

---

---

---

4. Após ler "As Makukawas", sua percepção sobre a literatura indígena mudou?

Sim.

5. Você compararia esse conto com outras obras literárias que você conhece? Quais são as semelhanças e diferenças?

Não.

6. Que aspectos do conto "As Makukawas" você acredita serem importantes para a sociedade?

Acredito que a mensagem de sustentabilidade e cuidado ao meio ambiente

. Reflexão Pessoal:

1. De que forma a leitura do conto influenciou suas opiniões ou sentimentos em relação às questões enfrentadas pelos povos indígenas hoje?

é necessário preservar o meio ambiente

2. O que você acha que pode ser feito para promover uma melhor compreensão e apreciação da literatura indígena em sala de aula? Você acha que as oficinas podem ser uma boa metodologia?

As oficinas são ótimos meios, a partir das oficinas, além da diversão aprendemos bastante

3. Você tem interesse em ler mais sobre literatura indígena ou aprender mais sobre as culturas indígenas depois das atividades realizadas em sala sobre o conto?

Sim, porque o conto despertou meu interesse em querer saber mais dessa cultura rica.

4. Relate sua experiência e aprendizados ao participar das oficinas em sala de aula e o teatro apresentado na uea.

---

---

---

---

---

---

---

---